

**Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação
Musical no Ensino Básico - Ferramentas Digitais na Sala de Aula
em Educação Musical**

PAULO MIGUEL GONÇALVES PADRÃO

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2022

**Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação
Musical no Ensino Básico - Ferramentas Digitais na Sala de Aula
em Educação Musical**

PAULO MIGUEL GONÇALVES PADRÃO

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2022

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, de acordo com o disposto no Artigo 10.º das Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança, de 02 de Fevereiro de 2018, sob orientação científica do Professor Doutor Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso, Professor Adjunto do Departamento de Educação Musical da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Henrique Manuel Padrão e Olga de Fátima Afonso Gonçalves pelo apoio incondicional ao longo de todos estes anos. Pela perseverança nos momentos mais difíceis, pelo esforço discreto que me permitiu chegar aqui...

“Se, como é frequentemente o caso, um grupo de alunos for ensinado como se todos os alunos do grupo tivessem aptidão média, ou pior ainda, mínima, o resultado inevitável é a mediocridade.”

(Gordon, 2015, p.69)

AGRADECIMENTOS

Dou por terminada mais uma etapa da minha vida. Gostaria de deixar aqui registado de forma breve, mas sentida, o meu apreço a quem caminhou ao meu lado durante este percurso.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Mário Cardoso pela dedicação e sobretudo pela motivação e amizade.

Ao meu Prof. Cooperante Alcino Carvalho pela cordialidade e amizade com que me recebeu, pelas longas conversas e ensinamentos.

Aos meus alunos pela oportunidade de viver fantásticos momentos de partilha, ajudando-me a crescer como pessoa e como profissional.

Aos meus colegas de turma, os “cotas do mestrado”, pelas horas bem passadas a trabalhar em equipa. Foram para mim um grande pilar durante este ciclo.

Ao meu par pedagógico pelo companheirismo e partilha, a quem desejo o maior de todos os sucessos.

À minha família, pai, mãe, irmã, namorada e filha pelo apoio incondicional ao longo desta caminhada e por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida.

E a todos os professores que fizeram parte desta jornada, o meu muito Obrigado!

NOTA PRELIMINAR

As referências bibliográficas deste trabalho foram elaboradas segundo as normas da APA, de acordo com a 7ª edição do “Publication Manual of the American Psychological Association”

RESUMO

O presente relatório é o resultado da Prática de Ensino Supervisionada integrada no plano de estudos do curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Irá apresentar de forma detalhada e reflexiva as experiências desenvolvidas e o conhecimento adquirido durante o ano letivo. O relatório está dividido em quatro capítulos, no primeiro abordo o significado do ser professor e o professor de Educação Musical detentor de competências digitais. No segundo capítulo falo sobre o contexto escolar, a escola e a turma onde foi desenvolvido o estágio. No terceiro capítulo são expostas as atividades realizadas com os alunos e que tiveram como principal foco a aquisição de competências digitais e sensibilização auditiva. Para isso, foram apresentadas e desenvolvidas atividades que permitissem a aplicação dessas aprendizagens de forma que não fossem descurados os conceitos que estão presentes no programa de Educação Musical. Como base para a realização das atividades de cariz tecnológico e com o objetivo de permitir um alargamento dos conhecimentos e competências dos alunos foi utilizado o *software Studio One*. Para a sensibilização auditiva, o procedimento realizado foi o de audição ativa em ambientes familiares para os alunos, permitindo uma maior consciencialização sonora sobre o meio envolvente. Durante grande parte do percurso os alunos foram orientados de forma a que eles tomassem o trabalho como seu, dando unicamente diretrizes do que deveria ser feito com o intuito de estimular a exploração e criatividade. Além da exploração sonora e tecnológica, que culminou numa paisagem sonora como projeto final, com a realização deste projeto em grupo, procurei fomentar laços sociais entre os alunos. No último capítulo apresento uma reflexão sobre as minhas experiências de ensino-aprendizagem adquiridas como professor estagiário de Educação Musical e algumas considerações pessoais. Acrescento, também, que o resultado deste trabalho foi bastante positivo. Da minha parte foi com muito prazer que percorri este caminho e por parte dos alunos verifiquei um grande interesse e comprometimento. Creio que o investimento nesta vertente tecnológica permanecerá presente e irá acompanhar-me continuamente durante a minha carreira docente.

Palavras-Chave: Educação Musical; Tecnologia; Competências Digitais; Paisagens Sonoras.

ABSTRACT

The present report is the result of the Supervised Teaching Practice integrated in the study plan of the Master's Degree in Teaching Music Education in Basic Education. It will present in a detailed and reflective way the experiences developed and the knowledge acquired during the school year. The report is divided into four chapters, in the first i address the meaning of being a teacher and the Music Education teacher with digital skills. In the second chapter I talk about the school context, the school and the class where the internship was developed. In the third chapter, the activities carried out with the students are exposed, which had as their main focus the acquisition of digital skills and hearing awareness. For this, were presented and developed activities that would allow the application of this learning in a way that the concepts that are present in the Music Education program were not neglected. As a basis for achievement out activities of a technological nature and with the aim of allowing students to broaden their knowledge and skills, was used the software Studio One. For hearing awareness, the procedure performed was active listening in familiar environments for the students, allowing a greater sound awareness of the surroundings. During a large part of the course, the students were guided so that they would take the work as their own, giving only guidelines of what should be done in order to stimulate exploration and creativity. Beyond sound and technological exploration, which culminated in a soundscape as the final project, with this group project I tried to foster social bonds between students. In the last chapter I present a reflection on my teaching-learning experiences acquired as a trainee music education teacher and some personal considerations. I might add that the result of this work was quite positive. I also add that it was with great pleasure that I followed this path and on the part of the students I verified a great interest and commitment. I believe that the investment in this technological path will remain present and will accompany me continuously during my teaching career.

Keywords: Musical Education; Technology; Digital Skills; Soundscape.

ÍNDICE GERAL

<i>DEDICATÓRIA</i>	<i>v</i>
<i>AGRADECIMENTOS</i>	<i>ix</i>
<i>NOTA PRELIMINAR</i>	<i>xi</i>
<i>RESUMO</i>	<i>xiii</i>
<i>ABSTRACT</i>	<i>xv</i>
<i>ÍNDICE GERAL</i>	<i>xvii</i>
<i>ÍNDICE DE FIGURAS</i>	<i>xix</i>
<i>ÍNDICE DE ANEXOS</i>	<i>xxi</i>
<i>ABREVIATURAS E SIGLAS</i>	<i>xxiii</i>
 <i>INTRODUÇÃO</i>	 <i>3</i>

CAPÍTULO I SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

1. SER PROFESSOR	9
1.1 A FORMAÇÃO FORMAL INICIAL.....	9
1.2 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL – COMPETÊNCIAS DIGITAIS	10

CAPÍTULO II CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

1. O ORGANISMO DE ACOLHIMENTO.....	15
1.1. A ESCOLA.....	15
1.2. A TURMA.....	16
1.3. OS ESPAÇOS E MATERIAIS DE APRENDIZAGEM.....	19
1.4. OS DOCUMENTOS ORGANIZADORES DO PROCESSO DE ENSINO.....	20

CAPÍTULO III

O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

1. AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES	23
1.1. ENQUADRAMENTO	23
1.2. OS OBJETIVOS	23
1.3. AS ESTRATÉGIAS	24
1.4. A DIMENSÃO INVESTIGATIVA DA INTERVENÇÃO	25
2. EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA	26
2.1. ATIVIDADE(S) INTRODUTÓRIAS - TECLADO DE CHÃO	26
2.2. SONORIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS	29
2.3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES - TECNOLOGIA NA MÚSICA + KEYTAR	40
3. ANÁLISE REFLEXIVA	42

CAPÍTULO IV

REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

1. DISPOSIÇÃO, CONSTRUÇÃO, CONCEPÇÃO, Da Capo	47
2. ESCOLHA DE TEMA	48
3. CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
LEGISLAÇÃO PORTUGUESA CONSULTADA	57
ANEXOS	59

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Elementos do sexo Masculino e Feminino nas turmas

Figura 2: Sala de aula EM1

Figura 3: Teclado de chão

Figura 4: Captura de ecrã da atividade de aula final

Figura 5: Microfone e captador piezo

Figura 6: Imagem exemplificativa: vídeo de sonorização Tom and Jerry

Figura 7: Recolha por escrito dos sons ambiente

Figura 8: Lista de sons ambiente recolhidos por um dos grupos (com onomatopeias)

Figura 9: Lista de sons ambiente recolhidos por um dos grupos (simples)

Figura 10: Quadro com algumas indicações para a elaboração de trabalho.

Figura 11: Desenvolvimento do trabalho de grupo

Figura 12: Imagem exemplificativa: vídeo de paisagem sonora

Figura 13: Imagem exemplificativa: Projeto Final

Figura 14: *Keytar* usado na aula

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Plano de aula n.º 1

Anexo 2. Plano de aula n.º 2

Anexo 3. Plano de aula n.º 3

Anexo 4. Plano de aula n.º 4

Anexo 5. Plano de aula n.º 5

Anexo 6. Plano de aula n.º 6

Anexo 7. Plano de aula n.º 7

Anexo 8. Plano de aula n.º 8

Anexo 9. Plano de aula n.º 9

Anexo 10. Inventário de material da arrecadação de Educação Musical

ABREVIATURAS E SIGLAS

AE: Aprendizagens Essenciais

EB1: Ensino Básico de 1.º Ciclo

EB2: Ensino Básico de 2.º Ciclo

EB3: Ensino Básico de 3.º Ciclo

EM1: Educação Musical 1

EM2: Educação Musical 2

NE: Necessidades Educativas

PASEO: Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PES: Prática de Ensino Supervisionada

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A construção de um Professor atravessa várias etapas. Uma delas é a que eu, como aspirante, atravesso neste momento, a formação profissional formal. Nesta fase da formação existem vários requisitos que precisam ser preenchidos, tal como indica nas Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança, “o ciclo de estudos conducente ao grau de mestre integra (...) um estágio de natureza profissional objeto de relatório final” (2018, p. 1), e é nesse sentido que este documento servirá o propósito de dar a conhecer todo o trabalho que foi desenvolvido durante o ano letivo e “refletir o percurso de formação seguido, a atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional experienciado.” (Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada, p.2/4)

Independentemente de todas as nuances existentes na atualidade no que concerne o ensino de Educação Musical, uma das mais valias que deve estar presente durante a operacionalização das aulas é a literacia digital. Esta literacia passa por conseguir através de meios tecnológicos exercer funções relacionadas com música, sejam elas de cariz prático, criativo ou exploratório. Segundo o documento Aprendizagens Essenciais (AE), em vários momentos é referido a necessidade de introduzir competências tecnológicas durante o decorrer do desenvolvimento dos alunos, algo que raramente acontece. Este relatório vai expor de que forma a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) se brindou com o uso destas ferramentas, não só por parte dos alunos, mas também no que concerne ao desenvolvimento pessoal como futuro professor que procura alcançar esses alunos através de processos transformadores, fundamentalmente na área das competências digitais, mantendo sempre o foco primordial relativamente aos conceitos que devem estar presentes na disciplina de Educação Musical.

De forma que não fossem descaracterizados alguns termos relacionados diretamente com a tecnologia, não fiz a tradução das palavras de origem inglesa e coloquei um realce a *itálico* como distinção.

No desenrolar deste relatório estão presentes imagens que auxiliam o leitor a compreender e visualizar de que forma o trabalho foi desenvolvido. No caso da imagem não ser suficiente, como é o caso específico de alguns resultados, foram anexadas durante a redação ligações para ficheiros multimédia onde podem visualizar e ouvir esses mesmos trabalhos.

Já nos anexos, onde constam as planificações de aula, foram omitidos alguns dados, nomeadamente as turmas e datas, de forma a manter a confidencialidade dos alunos.

Relativamente à estrutura, este relatório está dividido em quatro capítulos de desenvolvimento onde será exposto todo o conteúdo. Numa primeira abordagem foram mencionadas algumas particularidades do ser professor, bem como a literacia digital que deverá caminhar juntamente com o desenvolvimento profissional do professor de Educação Musical. Além de apresentar benefícios para o uso destas ferramentas em sala de aula por parte do professor, apresento uma opinião fundamentada relativamente a esta temática, pois sinto que a falta deste complemento letivo é uma falha que há muito deveria ter sido colmatada, muitas vezes criada pela falta de capacidade por parte dos docentes.

No segundo capítulo foi exposta a caracterização do meio escolar onde foi realizada a minha prática de ensino supervisionada (PES). Procurei contextualizar o leitor para o espaço escolar referindo a localização geográfica, o espaço interior e exterior bem como os materiais disponíveis e as turmas com as quais trabalhei, onde identifiquei algumas singularidades das mesmas e de alunos.

Já no terceiro capítulo indiquei as atividades que foram desenvolvidas no decorrer do ano letivo, as quais se desenvolveram com especial ênfase em torno das tecnologias digitais na Educação Musical com ferramentas presentes no seu dia-a-dia e com as quais eles se sentem à vontade para trabalhar. Estão também presentes atividades preparatórias e complementares, que não carecem dos meios tecnológicos para o seu desenvolvimento e aplicabilidade.

Aquando das planificações de aula, procurei ir ao encontro do gosto dos alunos. Procurei transmitir os conceitos que fazem parte do programa de Educação Musical de uma forma leviana, muitas vezes através de um modelo de aprendizagem mais construtivista. Procurei, também, levar os alunos a explorar e refletir por eles próprios, onde fui unicamente o mediador da aprendizagem. Estas experiências surtiram um efeito bastante positivo por parte dos alunos. Foi feita uma sonorização de um vídeo de *Tom & Jerry* através de uma série de instrumentos convencionais e não convencionais. Foi apresentado, permitindo a experienciação por parte dos alunos, um sintetizador numa das aulas onde foi demonstrado auditivamente e visualmente por recurso a vídeos, de que forma evoluiu a tecnologia na música. A experiência mais duradoura e que permitiu maior aplicabilidade dos conceitos presentes no programa de Educação Musical foi o projeto final onde os alunos criaram uma paisagem sonora. Esta paisagem sonora foi criada em vários locais da escola e teve como base

um vídeo editado por mim que lhes foi fornecido sem som. Desta forma os alunos puderam construir a paisagem sonora com os sons que acharam mais apropriados. Os sons usados foram captados por eles nesses mesmos locais da escola, sons previamente registrados e que permitiram traçar um percurso conciso no que respeita o objetivo e intenção final. Estas experiências foram devidamente detalhadas no terceiro capítulo e têm como suporte as planificações de aula que se encontram como anexo no final deste relatório.

Para finalizar, na quarta parte de desenvolvimento do relatório, elaboro de forma sucinta um texto onde exponho algumas considerações pessoais. Falo sobre as diferenças entre competência pessoal e as competências profissionais, exponho de forma breve uma reflexão sobre a minha prática de ensino, o meu parecer sobre o resultado deste trabalho, uma breve análise acerca dos constrangimentos existentes relativamente à falta de literacia digital por parte do corpo docente, bem como a falta de condições materiais que permitem o seu normal funcionamento.

CAPÍTULO I
SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

1. SER PROFESSOR

1.1 A FORMAÇÃO FORMAL INICIAL

Quando falamos da profissão docente, falamos numa das mais importantes profissões, senão a mais importante, existentes. Durante todo o processo que envolve o ser professor existem algumas ideologias divergentes. Uma dessas ideias que se mantém mais enraizada, perdurando ainda os dias de hoje, é a de que esta profissão é apresentada como um dado adquirido, como uma vocação. Esta ideologia afirma que este papel pertence unicamente a quem nasceu com tal talento, e, portanto, o poderá desempenhar.

Houve um tempo que ser professor era comparado a ser sacerdote do saber, era a manifestação de uma vocação ou missão transcendente, não o exercício de um ofício, uma profissão. (Prado et al., 2013, p.3)

No entanto, existem outras ideologias que contrapõem estas afirmações, como manifesta Prado (2013) afirmando que se educar é missão então torna-se incoerente e desnecessário exigir que o professor invista na sua formação académica e contínua.

Sendo uma profissão onde é necessário ter gosto e interesse pelo que é feito, a minha posição ideológica relativamente a este assunto, o vínculo com o ofício, vai mais ao encontro com a de Prado, onde a formação dos professores é um dos compromissos mais importantes da carreira. É na formação inicial que são disponibilizados os conteúdos que irão orientar o professor ao longo da sua carreira, é na formação que o professor consegue melhorar a sua forma de lecionar, aqui não é apenas na fase inicial, mas algo que se vai construindo ao longo da carreira. É com a formação inicial, não só teórica, na qual se inclui o estágio profissional, que o professor percebe se realmente tem gosto pelo ensino ou se a ideia presente, inicialmente, e a realidade do que acontece efetivamente não vão ao encontro das expectativas iniciais sobre a carreira.

Relativamente à vocação, certamente há pessoas com mais carisma, com maiores e melhores capacidades comunicativas, pessoas que se conseguem expressar melhor e que se sentem mais à vontade perante audiência que outras, no entanto, no meu ponto de vista, qualquer pessoa que não seja detentora de uma incapacidade cognitiva ou física que impeça o exercício da função docente, terá certamente uma boa prestação enquanto professor se tiver gosto pela profissão, perseverança e se preocupar em colmatar as suas falhas para melhorar

como profissional. De nada valeria ter vocação se não houvesse gosto, trabalho e dedicação pelo ensino.

Como em qualquer área, o início de uma carreira não é uma tarefa simples, nem fácil. É nesta fase que a realidade surge, perante inúmeras ideologias arquitetadas ao longo dos anos de formação formal e informal. Todas as questões existentes relacionadas ao “como será?” começam gradualmente a desvanecer. Surgem novas questões, desta vez com mais propensão para o “é isto?”. Esta questão surge por variados motivos. Deixamos de ver a sala de aula como o paraíso que idealizámos, ou o contrário. Passamos a perceber que existem regras características para cada situação. Também percebemos que quando nos diziam que temos de conseguir chegar a todos os alunos e obrigatoriamente conseguir encontrar formas de chegar individualmente a cada um deles era verdade. Começamos a interligar os pontos daquilo que nos foi transmitido durante a formação e aos poucos vamos tentando introduzir esses saberes. Simultaneamente fazemos por nos adaptar a esta nova realidade.

1.2 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL – COMPETÊNCIAS DIGITAIS

A Construção de um professor de educação musical não deverá vincular-se unicamente a uma formação académica regular igual à que tem sido conduzida ao longo das últimas décadas. É necessário acrescentar competências que permitam ao professor expandir as suas capacidades docentes, isto porque

o cenário educacional vigente aponta para uma perspectiva de descaso e insatisfação, tanto por parte de docentes quanto de discentes, pois as escolas (...) parecem não suprir as reais necessidades dos estudantes do século XXI, os quais cercados por tecnologias, tendem a banalizar o trabalho daqueles profissionais, que não acompanham o universo digital, na maioria das vezes, por não conhecerem ou não dominarem as suas funcionalidades. (Lopes, 2021, p.2)

É necessário conseguir introduzir novos desafios, novas competências digitais que permitam ao professor alcançar e cativar os alunos. Estas competências não são imediatas, são construídas de igual forma e em simultâneo com a sua formação, são graduais. Tal como a predisposição que o professor deverá ter para se superar e conseguir gradualmente e constantemente melhorar as suas práticas de ensino, deverá de igual forma incorporar estes desafios como um elemento necessário aos seus saberes e aptidões e fazê-los crescer consigo.

Se olharmos com atenção para a atualidade no que concerne o cenário educacional, e não só, pois é de fato algo que transcende a escola, percebemos que estamos perante uma geração muito diferente das passadas, atualmente

as crianças que nasceram depois dos anos 90 convivem com as tecnologias como sendo algo intrínseco à sua vida, não as abordando como algo novo, mas sim como a realidade que conhecem e com a qual estão habituadas a (con)viver (Thomas, 2011). Há estudos que mostram (cf. por exemplo, Ito *et al.*, 2010) que os meios digitais estão a transformar a maneira como as crianças brincam, pensam e aprendem. (Pereira, 2012, p.3)

Esta literacia digital, “a capacidade que uma pessoa tem para desempenhar, de forma efetiva, tarefas em ambientes digitais” (Loureiro, 2012, p.2) relativamente à formação de professores deveria já vigorar há muito. Como está presente nos documentos Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) e Aprendizagens Essenciais (AE), estas são competências que já fazem parte das necessidades educativas há algum tempo. No documento PASEO (2017) temos informação de que os alunos devem “aplicar (...) linguagens de modo adequado aos diferentes contextos de comunicação, em ambientes analógico e digital” (p.21), que as competências na área da informação e comunicação devem de igual forma utilizar ferramentas analógicas e digitais. Ainda nesse documento e no mesmo seguimento fala relativamente às relações interpessoais, onde enaltece, além do envolvimento lado a lado, a importância dos meios digitais. O documento AE (2018) dá maior ênfase à experimentação e criação quando diz que o aluno deve “improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (...), utilizando múltiplos recursos (...) com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas.” e ainda “compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (...), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e *software*)”.

Podemos olhar para a data dos documentos mencionados e entender que são bastante recentes, justificando a falta de formação na área, mas, se nessa data já era reconhecida a necessidade desta vertente tecnológica, no meu parecer, os professores deveriam estar um passo à frente e deter as ferramentas necessárias para conseguir acompanhar as propostas dadas. Muito antes de estes documentos organizadores surgirem, eram inúmeros os artigos e livros que mencionam esta necessidade. Portanto, se os professores se mantiveram em constante aprendizagem e construção, não deveria existir esta lacuna. Com o passar dos anos, a verdade é que alguns “professores mostram-se cada vez mais interessados na sua formação

contínua para trabalharem com os seus alunos com este tipo de ferramentas” (Vaquer Aracil; Vera Muñoz, 2012, como citado em Sadio-Ramos, F. J., OrtizMolina, M. A., & del Mar Bernabé-Villodre, M., 2021) mas ainda não detêm à-vontade nem aptidões ao nível do que é exigido na atualidade. Ainda não é possível afirmar que existe uma formação adequada nem determinação e empenho por parte da generalidade dos professores que neste momento estão a exercer funções. Existe uma grande falta de domínio destas ferramentas.

Se analisarmos o que aconteceu recentemente, com a situação pandémica, vemos que uma grande parte dos professores não estava provido de conhecimento digital suficiente para conseguir levar a cabo as tarefas exigidas aquando da necessidade de ensino à distância através de aulas online. Apesar de ter corrido bem para muita gente, esse não foi o panorama geral. O simples solucionar de problemas de cariz simples, como o caso de configuração de câmara ou microfone, era algo impeditivo para o normal funcionamento da aula.

No que diz respeito à área de Educação Musical ouvi muita gente, professores e alunos, dizerem que não era possível concretizar as aulas de forma normal, referindo especificamente a parte prática, pois devido à latência (o tempo entre um acontecimento, por exemplo tocar uma nota num instrumento musical e o momento em que esse acontecimento se torna perceptível, o momento que é ouvido) era impossível realizar atividades musicais online. É possível, e já existem há muito inúmeras ferramentas que permitem fazer música online em simultâneo, com latência imperceptível ao ouvido humano, como é o caso de *Jamulus*, *Farplay*, *Jamstud*, *Jamkazam*, *Ninjam*, entre outros. Estas ferramentas permitem criar uma sala virtual onde é possível comunicar por mensagem escrita para fornecer indicações e enviar áudio remotamente. Sem ser as ferramentas mencionadas acima que permitem juntar várias pessoas numa sala online e construir música existem outras com finalidades diferentes, que poderiam ter sido usadas, tudo depende do pretendido. Trata-se apenas de saber o que fazer e como concretizar, deter conhecimento tecnológico digital.

A reorganização curricular do ensino básico, regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 6/2001, assume a importância da integração curricular das TIC e esclarece no seu preâmbulo que a utilização das TIC constitui formação transdisciplinar (...) o que significa que as TIC passam a estar presentes em todas as disciplinas e áreas disciplinares. (Castro, E., Chavarria, F., & Morgado, D. C., 2012, p.10)

Assim, será importante definir estratégias e elucidar sobre plataformas interativas digitais variadas que permitam a adaptação, neste caso específico, à Educação Musical.

***CAPÍTULO II
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA***

1. O ORGANISMO DE ACOLHIMENTO

1.1. A ESCOLA

A escola onde realizei a iniciação à minha prática profissional, no ano letivo de 2021/2022, localiza-se no norte do país, em Bragança, numa zona elevada da cidade onde predominam variadas instituições públicas. Esta escola, com acessos rápidos, funcionais e parque de estacionamento para cerca de 250 viaturas integra-se no Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, constituído pela sede, a Escola Secundária com o mesmo nome do agrupamento, uma Escola Básica de 2.º ciclo, onde foi realizado o estágio, cinco escolas de Ensino Básico de 1.º ciclo e também por três jardins de infância e pré-escolar. A Escola onde foi realizado o estágio trata-se da EB2, com capacidade para 550 alunos e onde estudam, de momento, aproximadamente 350 alunos, estando assim longe da sua lotação. Esta EB2 iniciou a sua atividade em meados de 1983/1984, a essa data tratava-se de uma escola preparatória onde era lecionado o segundo ciclo do ensino básico. Mais tarde, em 1997, transitou para uma EB 2,3 onde as turmas iam desde o 5.º até ao 9.º ano de escolaridade e em 2007/2008 estendeu a sua tipologia para EB 1,2,3. Só em 2003, após ingressar no Agrupamento de Escolas onde se incorpora até à presente data se assume exclusivamente como EB2.

Neste ano de transição para EB2 a escola sofreu algumas reformas de ampliação e remodelação, e assim, de momento conta com dezoito salas de aulas regulares, duas salas específicas para a área de Educação Musical, três salas para Educação Visual e Tecnológica, duas salas para Ciências Naturais, dois laboratórios de Ciências Físico-Químicas, dois ginásios, duas salas de Informática, sala de acolhimento aos encarregados de educação, duas salas de ensino individualizado, serviços de secretaria, refeitório, *buffet* para alunos e professores, sala de convívio de alunos, campo exterior de jogos, um auditório e uma biblioteca. Além destes espaços maioritariamente destinados aos alunos, conta também com alguns espaços específicos para professores, administração e direção. Os alunos beneficiam ainda de outras atividades extracurriculares tais como clubes de ingressão voluntária dos quais se destacam o Clube de Música, o Desporto Escolar, a Rádio e o Clube de Dança. Devido a constrangimentos causados pela situação epidemiológica vivenciada aquando do estágio, alguns destes clubes, como o de Música, não se encontravam em atividade.

1.2. A TURMA

Como referido na introdução, as turmas vão ser denominadas por G e H de forma que seja mantida a confidencialidade. As duas turmas onde foi realizado o estágio eram ambas de 6.º ano e a intervenção passou por 3 fases: observação, cooperação e responsabilização. Prontamente, na fase de observação foi possível conseguir coletar algumas informações e aspetos pessoais das turmas e de alunos.

A turma G era constituída por dezanove alunos, havia uma predominância de rapazes, sendo apenas cinco alunos do sexo Feminino e os catorze restantes do sexo Masculino (**ver Figura 1**). A média de idades era de onze anos. Nesta turma havia quatro alunos que revelavam *Necessidades Educativas* (NE). Estes quatro alunos integram Medidas de Suporte à Aprendizagem e à Inclusão, no âmbito do Decreto-Lei nº54/ 2018 de 6 de julho, usufruem das seguintes medidas seletivas, artigo 9º: alíneas:

- b) Adaptações Curriculares não significativas nas disciplinas de Português, Matemática, Ciências Naturais, Inglês e História e Geografia;
- c) Apoio Psicopedagógico;
- d) Antecipação e reforço das aprendizagens.

Além destas medidas, também beneficiam de Adaptações no Processo de Avaliação, artigo 28º, alíneas:

- a) Diversificação dos instrumentos de recolha de informação;
- d) Utilização de produtos de apoio;
- e) Tempo suplementar para a realização das provas;
- g) Leitura de enunciados;
- h) Utilização de sala separada no momento da realização dos testes de avaliação sumativa.

Na turma H, com vinte alunos, nove eram do sexo Feminino e os restantes onze do sexo Masculino (**ver Figura 1**). A média de idades era igualmente de onze anos. Dois alunos estavam identificados com NE. Um dos alunos, de etnia, ao longo do seu percurso escolar teve duas retenções no 2º ano de escolaridade. Foi implementado um Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual com a aplicação de pedagogias diferenciadas, em articulação com os professores da turma, para obter resultados mais positivos. Com os dados fornecidos pela Avaliação Psicológica de abril de 2017 e avaliações pedagógicas realizadas,

foi desencadeado o processo de referenciação de acordo com o Decreto-lei nº3/2008, no sentido de dar uma resposta educativa adequada ao perfil de funcionalidade do aluno. Foi avaliado por parte da Equipa Multidisciplinar, tendo integrado o grupo-alvo da Educação Especial, em maio de 2017 passando a beneficiar das medidas do artigo 16º consignadas nas alíneas:

- a) Apoio pedagógico personalizado;
- b) Adequações curriculares individuais;
- d) Adequações no processo de avaliação.

Ao longo do seu percurso escolar teve sempre apoio prestado por um docente de apoio educativo e um docente de educação especial. Aquando do estágio, o aluno continuava a apresentar dificuldades importantes no domínio da comunicação oral e escrita, raciocínio lógico-matemático, bem como na compreensão e aplicação de aprendizagens e conceitos, com dificuldade em concentrar a atenção em tarefas, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem. Durante todo o ano letivo apenas esteve presente nas aulas de Educação Musical uma vez.

O segundo aluno detinha Atraso Global do Desenvolvimento, apresentava algumas dificuldades relativamente ao seu funcionamento cognitivo. Na análise dos resultados de avaliação, obtidos por parte de Consulta de Psiquiatria da Infância e Adolescência e de Psicologia Clínica, revelava na maior parte dos domínios um desenvolvimento inferior ao esperado para a idade, tanto a nível académico como contexto cultural. Apresentava comprometimento a nível de atenção/concentração, motricidade fina, linguagem, capacidade adaptativa e de autonomia. Por parte dos profissionais de saúde foram sugeridas as respetivas medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, as quais foram cumpridas:

Medidas universais, com diferenciação pedagógica:

- Acomodação/enriquecimento curricular;
- Promoção de comportamento pró-social;
- Intervenção com foco académico ou comportamental em pequenos grupos.

Medidas seletivas, mais propriamente de adaptações curriculares:

- Apoio pedagógico;

- Antecipação/reforço das aprendizagens por docente do Ensino Especial.

Medidas adicionais, através de desenvolvimento de metodologias e estratégias de Ensino Estruturado:

- Desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social;
- Processo de Avaliação com diversificação dos instrumentos de informação (computador, máquina de calcular);
- Tempo suplementar para realização de provas;
- Leitura de enunciados e/ou transcrição de respostas e uso de sala separada e/ou pausas vigiadas.

No que concerne aos conhecimentos musicais ambas as turmas mostravam bastante desinteresse pela disciplina e apresentavam algumas dificuldades no que diz respeito à teoria e prática musical. Quando expostos a atividades práticas, apesar de apresentarem alguma carência de conhecimentos, havia muito interesse em participar. Em determinados momentos, nas primeiras aulas, alguns dos alunos manifestavam um certo receio em se expor, e por isso não havia uma prontidão na aceitação dos desafios propostos. Isto foi mudando gradualmente de aula para aula, havendo exceções. Os alunos tomavam mais rapidamente iniciativa em se apresentar disponíveis para participar.

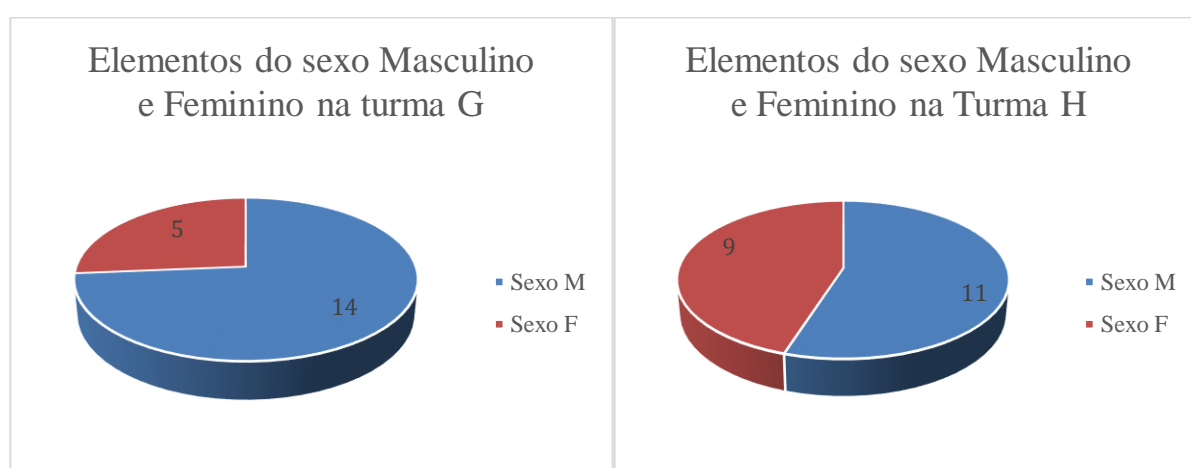


Fig. 1: Elementos do sexo Masculino e Feminino nas turmas

1.3. OS ESPAÇOS E MATERIAIS DE APRENDIZAGEM

Relativamente ao espaço dedicado para o ensino de Educação Musical existem duas salas de aula (EM1 e EM2) e uma arrecadação. Esta arrecadação fica localizada no meio das duas salas direcionadas com o propósito de uso da área pedagógica. Uma das salas, aquando do estágio, derivado da situação pandémica estava inutilizada, estando apenas a sala maior, EM1, em uso. A sala EM2 estava limitada apenas para utilização de pequenos grupos de alunos do ensino articulado e grupos de homogeneidade relativa. A sala EM1 estava equipada com o material básico necessário para auxiliar no ensino da disciplina, quadro de tela branca para projeção e respetivo projetor, computador com sistema de som (coluna), piano e dois quadros, um para escrita regular e outro pautado. Apesar de algum do material mencionado não ser da melhor qualidade e ter já algum uso e desgaste, este estava funcional e servia o propósito. Na arrecadação, com acesso direto através das salas, era possível encontrar diverso material: instrumentos Orff, teclados, bateria, guitarras, manuais de apoio, flautas (o inventário é disponibilizado em anexo), também este com algum desgaste, mas que é repostado consoante as necessidades.



Fig. 2: Sala de aula EM1

1.4. OS DOCUMENTOS ORGANIZADORES DO PROCESSO DE ENSINO

O processo educativo rege-se por diretrizes pré-definidas que são orientadas por documentos disponibilizados a todos os profissionais de ensino. Estes documentos incorporam orientações curriculares, objetivos específicos de caráter humanista e de formação, que se considera desejável serem atingidos pelos alunos no final de cada ciclo de estudos.

O que distingue o desenvolvimento do atraso é a aprendizagem. O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações. (Martins, 2017, p.5)

Os professores deverão ser capazes de se adaptar às condições singulares de cada contexto onde exercerão as suas funções, isto é, às particularidades que cada turma e alunos apresentam e agilizar as suas planificações, os seus projetos, com os conteúdos programáticos e orientações a fim de conseguir atingir estes objetivos. Apesar de não serem documentos obrigatórios no processo de aprendizagem, será sensato o professor seguir estas orientações para que seja possível alcançar um desenvolvimento global do aluno eficaz e capaz “com vista a mobilizar a escola e a sociedade para uma melhor educação.” (Martins, 2017, p.6)

Por conseguinte, a minha PES foi apoiada, orientada e planificada por recurso a estes documentos fornecidos durante a formação académica. Foram desenvolvidas atividades com os alunos durante o período da minha intervenção que permitiram concretizar algumas destas orientações. De acordo com o documento PASEO e AE as planificações de aula foram sempre estruturadas tendo em conta os domínios da experimentação e criação, interpretação e comunicação e apropriação e reflexão, tentando sempre conjugar a postura de sala de aula que permitisse transmitir princípios e valores em paralelo com as competências. Das propostas presentes nos documentos, as quais tiveram maior ênfase durante a realização da minha PES foram as que estavam relacionadas com as competências tecnológicas digitais, permitindo aos alunos explorar criativamente a área musical e auxiliar de forma profícua as interações humanas entre os alunos.

CAPÍTULO III
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

1. AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

1.1. ENQUADRAMENTO

Os primeiros contactos e primeiras impressões são sempre um ponto crucial e essencial para o ser humano. Neste contexto específico existe o contacto com o ambiente escolar, algo já bem familiar para todos nós, mas desta vez do outro lado da sala. É neste primeiro contexto que nos é permitido construir ideologicamente a forma como vai decorrer a nossa prática educativa. A partir deste primeiro instante, e em sintonia com as nossas ambições enquanto aspirantes a professores, ser-nos-á possível iniciar o desenvolvimento cognitivo onde a associação entre as duas partes tem início.

No decorrer desta fase inicial foi possível averiguar determinados aspetos individuais e singulares de cada turma. A partir deste momento foi possível iniciar a elaboração dos planeamentos de aula, estes, que de acordo com as características de cada turma fossem plausíveis e possíveis de ser aplicados, recorrendo ao nível de conhecimento, tipo de comportamento dos alunos e conteúdo programático a ser dado.

Na escola onde decorreu a PES ambas as turmas eram de 6.º ano, foram disponibilizados os documentos com detalhes de cada turma com observações individuais, assim como os horários destinados para a aula de Educação Musical. Todos os documentos fornecidos foram analisados e tendo em conta que existia um número significativo de alunos com NE foram tidos em conta as singularidades de cada aluno aquando das planificações de aula. Esta preparação focou-se maioritariamente em deixar algum tempo extra para auxiliar a aprendizagem e não em simplificar as temáticas ou exercícios de aula, pois se “um grupo de alunos for ensinado como se todos os alunos do grupo tivessem aptidão média, ou, pior ainda, mínima, o resultado inevitável é a mediocridade.” (Gordon, 2015, p.69)

1.2. OS OBJETIVOS

Com o intuito de elaborar um projeto de Educação Musical mais direcionado para a criatividade e sensibilidade musical dos alunos, foi determinado o uso e recurso à tecnologia,

algo com que eles estão bastante familiarizados no seu dia-a-dia. Com isto procurei fornecer ferramentas que permitissem fomentar essa criatividade de forma prazerosa e entusiasmante. Para isso foi necessário idealizar formas de conseguir transmitir conhecimentos programáticos e em simultâneo incentivar e estimular o imaginário dos alunos.

Toda a experiência musical consciente tem a ver com aventuras dos sentimentos, da imaginação e da invenção. Essas características são compartilhadas pela composição, a interpretação e a escuta, e é de se supor que merecem um lugar de destaque na Educação Musical. (Paynter, 2010, p. 14)

Ou seja, a música tem o seu próprio rigor no que respeita à sensibilidade, imaginação e criatividade. É aqui, na singularidade manifestada e exposta pelo artista, que se destacam as artes através destes três conceitos.

Tendo em conta a importância do descrito acima, os objetivos para este estágio e projeto foram enumerados abaixo. Estes objetivos foram estipulados e deveriam ser atingidos no final do ano letivo, todos eles estão interligados e as planificações foram feitas sempre com intuito de os conseguir alcançar.

1. Promover a experimentação/criação musical no contexto da Educação Musical através da utilização de tecnologias na sala de aula;
2. Fornecer ferramentas que permitam aos alunos continuar a usar as competências adquiridas durante as aulas de Educação Musical ao longo da vida, consoante as necessidades (competências/literacia digital);
3. Formar indivíduos criadores e fruidores de Música;
4. Estimular as interações pessoais através de trabalho de grupo;
5. Gerar motivação no processo de ensino/aprendizagem no contexto de Educação Musical.

1.3. AS ESTRATÉGIAS

Foram definidas algumas estratégias para conseguir alcançar os objetivos enumerados no ponto anterior. Com a finalidade de gerar motivação foram fornecidos os conteúdos programáticos de forma leve, onde os alunos fossem induzidos a incorporar as tarefas de aula de forma prazerosa. Ao conseguir cativar os alunos com recurso a ferramentas digitais, torna-

se mais fácil para o professor conseguir manter a ordem na sala de aula, despertar a atenção dos alunos e consequentemente fornecer os conteúdos programáticos pretendidos.

Ainda em sintonia com a estratégia anterior, e também com o intuito de promover a experimentação/criação musical e desenvolvimento de atividades de cariz musical dentro da sala de aula, as ferramentas digitais foram as que tiveram mais notoriedade como estratégia de ensino ao longo do período da PES.

O facto de conseguir com que os alunos se tornem autónomos e consigam alcançar por si mesmos os objetivos de aula já é um grande passo para o segundo objetivo enumerado. Ao explicar como funcionam estas ferramentas, ao fornecer os recursos necessários e formas de criar música, faz com que estes alunos consigam usar estes materiais numa situação futura, caso haja necessidade. Isto depreende-se tanto para alunos que aprofundem o ensino na área, mas também para aqueles que apenas mantenham contato com a música durante o ensino escolar na disciplina de Educação Musical.

1.4. A DIMENSÃO INVESTIGATIVA DA INTERVENÇÃO

Tendo em consideração o papel do professor, enquanto indivíduo presente e influenciador do desenvolvimento intelectual e moral, é importante que este perceba e reflita sobre a forma como se instrui a ele próprio e aos outros. Este é o pensamento que deverá vigorar e estar sempre presente ao longo de todo o caminho enquanto docente. Será então necessário que o professor detenha conhecimento que lhe permita analisar as práticas pedagógicas e disponha de predisposição para realizar uma investigação autónoma com o intuito de se superar à medida que vai desenvolvendo a sua carreira.

A investigação é entendida como uma atividade de produção e aprofundamento do conhecimento científico, que utiliza metodologias e critérios de rigor próprios e diferenciados das práticas educativas, que poderá contribuir para compreender e analisar a prática, mas não para a orientar.

É um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um procedimento fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem ativamente. (Ponte, 2002, p.3)

Como afirma Ponte (2002), existem grandes razões para que os professores façam pesquisa sobre a sua própria prática. Uma delas será para se assumirem como autênticos protagonistas no campo curricular e profissional, tendo mais meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática.

No que diz respeito à recolha e análise de dados do meu estágio, este teve uma abordagem de tendência naturalista, de cariz qualitativo e método de investigação-ação. Este método foi projetado inicialmente por Kurt Lewis com o intuito de apoiar os professores a lidar com os desafios e problemas da prática pedagógica. As técnicas usadas permitiram observar os alunos no decorrer das aulas e recolher informação necessária e relevante que auxiliou durante todo o processo de ensino ao longo do ano letivo.

2. EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA

2.1. ATIVIDADE(S) INTRODUTÓRIAS - TECLADO DE CHÃO

Na primeira experiência e primeira aula foram trabalhados os conteúdos referentes à composição de acordes maiores e menores e os intervalos constituintes de cada um deles, procedendo no final, a pedido do professor cooperante, à avaliação dos mesmos.

Relativamente ao que foi planeado penso que o resultado foi bastante positivo, diria mesmo que foi acima das expectativas. Tendo assistido às primeiras aulas de ambas as turmas e me ter deparado com aulas bastante expositivas, o simples facto de trazer algo diferente para dentro da sala de aula mostrou ser um grande incentivo para conseguir transmitir conteúdo de uma forma dinâmica, eficaz, e conseqüentemente fazer uma avaliação sem deixar os alunos ansiosos. Desta forma conseguiram assimilar com entusiasmo os conteúdos e lograr de uma avaliação que de um modo geral teve resultados bastante positivos.

Apesar de haver alguma relutância em participar de forma voluntária durante o início da atividade, esta foi desvanecendo ao longo da aula e, no fim, após toda a gente ter participado e ter sido questionado se queriam repetir afim de melhorar a prestação, a resposta por parte dos alunos foi muito positiva, confirmando que foi de agrado geral dos intervenientes.

O exercício de aula teve início com o questionamento, exposição e explicação do que iria ser abordado. Numa primeira fase foi possível perceber se os alunos detinham

conhecimento relativos à formação de acordes. Após reconhecer por parte dos alunos a falta de conhecimentos no que diz respeito ao que iria ser abordado procedi à exposição auditiva e explicação da constituição de um acorde maior e menor e os intervalos que constituem cada um deles com exemplos ao piano e amostras auditivas de músicas.

Após a exposição e a confirmação que tudo tinha sido apresentado avancei para o exercício de aula. O exercício consistia em usar os membros inferiores para pisar as teclas de um teclado de chão desenhado numa folha de grandes dimensões unicamente para esta finalidade. Para realizar o exercício foram seguidos os seguintes passos:

- 1) Os alunos foram chamados em pares para se deslocarem ao teclado de chão;
- 2) Colocaram um instrumento ou outro tipo de objeto na primeira nota do acorde dada previamente pelo professor seguido da exposição auditiva do acorde;
- 3) Após audição os alunos foram questionados sobre a identificação do acorde;
- 4) De seguida tiveram de dizer quais os intervalos constituintes desse acorde e teriam de se posicionar sobre a nota correta no teclado de chão.

No final da atividade todos os alunos tiveram a possibilidade de repetir o exercício com a finalidade de melhorar a nota para quem sentiu mais dificuldade. Nesta parte da aula os alunos puderam escolher repetir o exercício de forma mais relaxada e sem pressão de errar, o que permitiu um maior à-vontade e conseqüentemente uma melhor prestação e consolidação de conhecimentos. Para registo de avaliação, solicitado pelo professor cooperante, foram estipulados os seguintes níveis avaliativos:

- O aluno com nota 5 deverá sem dificuldades conseguir identificar auditivamente o acorde e colocar-se nas respectivas teclas indicando o intervalo solicitado;
- O aluno com nota 4 poderá falhar uma das três tarefas solicitadas, identificar acorde tocado, posicionar-se sobre as teclas corretas ou indicar o intervalo entre duas notas. Poderá haver um incremento de nota se a postura comportamental e a facilidade com que realiza a atividade se manifeste merecedora de incentivo (nota superior apenas após questão extra que permita decifrar uma falha pontual nos exercícios dados);
- O aluno com nota 3 poderá falhar duas das três tarefas solicitadas, identificar acorde tocado, posicionar-se sobre as teclas corretas ou indicar o intervalo entre duas notas. Poderá haver um incremento de nota se a postura comportamental e a facilidade com

que realiza a atividade se manifeste merecedora de incentivo (nota superior apenas após questão extra que permita decifrar uma falha pontual nos exercícios dados);

- O aluno com nota 2 não consegue identificar qualquer uma das tarefas solicitadas;
- Além do descrito acima para um aluno com nota 2, será atribuído nota 1 se o aluno tiver má conduta de sala de aula.

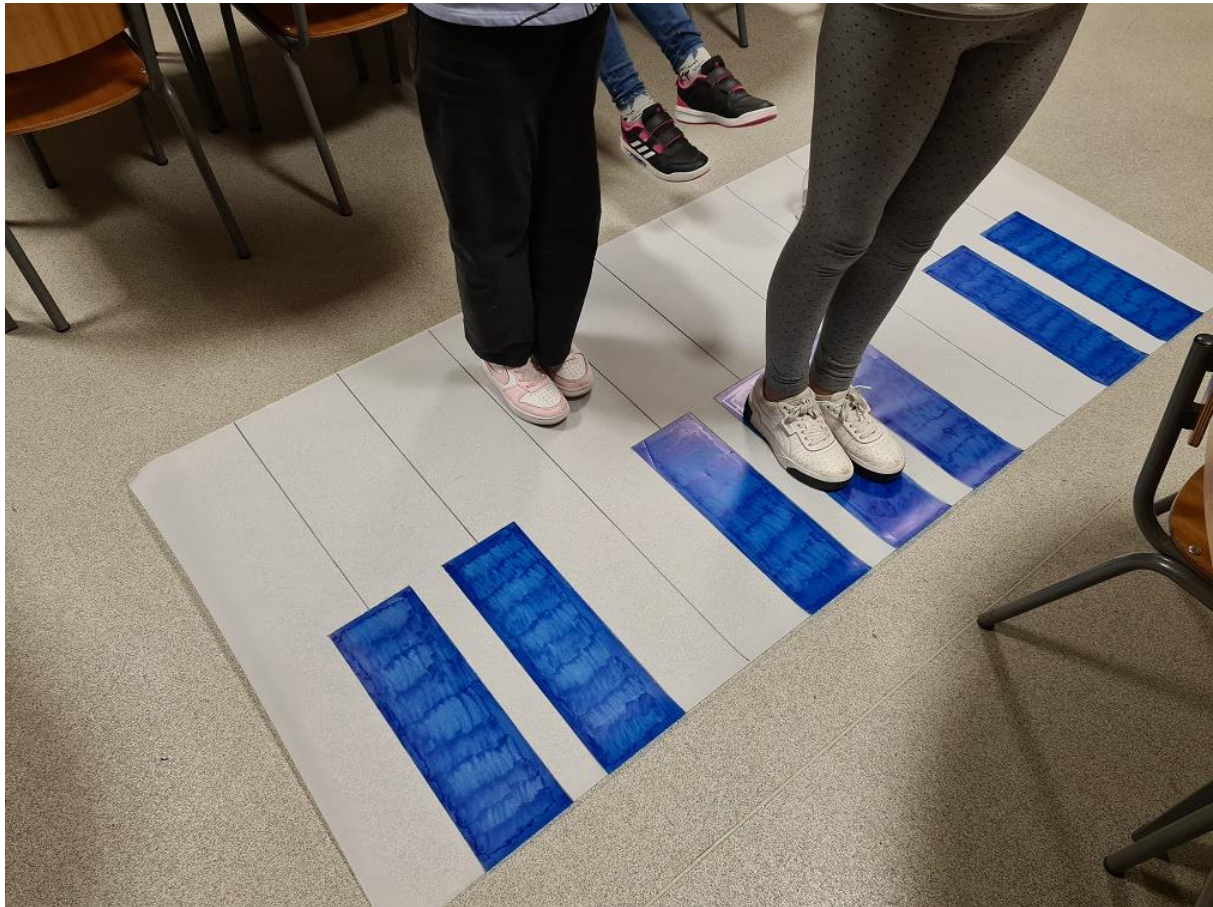


Fig. 3: Teclado de chão

2.2. SONORIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

(1) Percepção, *Legato* e *Staccato*, (2) Recolha de sons ambiente, sensibilidade (3) Criação, aplicação de conhecimentos de cariz tecnológico.

Esta atividade tinha como objetivos principais dinamizar as aulas e explorar a criatividade dos alunos através do uso da tecnologia e outras atividades atípicas. Como é explícito no documento AE, será importante e necessário uma formação que possibilite o desenvolvimento significativo através de processos de *Experimentação e Criação* que permitam aos alunos criar e progredir de forma autónoma e consciente, da *Interpretação e Comunicação*, onde os alunos, em seio de grupo, consigam criar bases que influenciem de forma positiva, significativa e necessária para uma boa integração na sociedade, e por fim a *Apropriação e Reflexão* onde se pretende que:

se desenvolvam competências referentes a processos de discriminação, análise, comparação de elementos sonoro-musicais, com o propósito de permitir escolhas fundamentadas em relação ao fazer e ao ouvir música”. “A voz e o corpo da criança, bem como os objetos do seu quotidiano, são os recursos privilegiados para o desenvolvimento musical neste nível educativo. As atividades musicais deverão ser exploradas a partir dos elementos musicais de melodia, harmonia, ritmo, pulsação, divisão, métrica, dinâmica, textura, forma e timbre. Contudo, dever-se-á ter em conta que a experiência musical é holística, total, portanto, os elementos musicais anteriormente referidos deverão ter um papel de clarificadores, facilitadores e sistematizadores da escuta, prática e criação musicais dos alunos. (Ministério da Educação, 2018, p.3)

Simultaneamente, tendo em conta o que foi referido acima, foram de igual forma tidos em conta os conteúdos programáticos que fossem exequíveis na atividade. Para uma melhor dinâmica de trabalho e coordenação, esta atividade foi dividida em três fases: (1) *Percepção*, (2) *Recolha* e (3) *Criação*. Estas três fases foram distribuídas durante várias aulas consoante as necessidades. Para a fase (1), *Percepção*, foram necessárias três aulas para conseguir realizar atividades práticas e ensinar conteúdos programáticos. Para o decorrer da fase (2), onde foi feita a *Recolha* de material que iria ser usado na última fase foi imprescindível o uso de duas aulas para conseguir alcançar os objetivos estipulados. Por fim, a última fase (3) *Criação*, que se desenrolou durante duas aulas e teve como tarefa consolidar todos os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores e explorar o potencial criativo dos alunos.

A atividade teve início na segunda aula de responsabilização e a exposição auditiva fez parte do início da fase (1), aqui foram apresentados dois exemplos musicais ao piano onde era bastante evidente a diferença entre as articulações *legato* e *staccato*, de seguida foi explicado em que consistia cada uma e de que forma eram apresentadas estas articulações na pauta. Além da exposição ao piano foi explicada de igual forma a diferença que havia entre os mais variados instrumentos e a forma de executar essas articulações em cada um deles. Um dos exemplos dados foi o do violino. Para clarificar visualmente as diferenças na execução instrumental foi apresentado um exemplo das quatro estações de Vivaldi com recurso a [vídeo](#) onde o instrumento solista, o violino, tocava maioritariamente *legato* e os segundos naipes de violino tocavam em *staccato*. Com este exemplo dado foi solicitado aos alunos que identificassem auditivamente as diferentes articulações. Com as respostas deu para perceber que ainda havia alguma confusão relativamente à identificação e procedeu-se a mais um esclarecimento ao piano. Além da demonstração em vídeo do violino foi também falado e demonstrado em instrumentos de corda, de sopro e percussão que estavam disponíveis na sala de aula naquele momento de que forma as articulações necessitam de formas distintas de execução consoante o instrumento que é tocado. Até aqui os alunos mantiveram sempre uma postura correta, interessada e participativa.

No final desta primeira parte da aula foi por fim apresentado um [vídeo](#) onde um baterista sonorizava com alguma criatividade sons de um excerto de um episódio de *Tom and Jerry*. Após a visualização do excerto foram apresentados os objetivos do trabalho que iria ser realizado. Este trabalho consistia na sonorização de um vídeo de *Tom and Jerry* diferente daquele que tinha sido apresentado, mas no mesmo seguimento de ideia, ou seja, fazer uma sonorização criativa. A base de trabalho fornecida foi o vídeo sem som, e os alunos deveriam conseguir criar sons com instrumentos convencionais e não convencionais de forma a obter um resultado satisfatório.

Com o objetivo de obter os sons pretendidos os alunos exploraram timbricamente e usaram objetos da sala de aula (por ex.: cadeiras, mesas, porta lápis, folhas, sapatilhas...) e também instrumentos convencionais tocados de formas distintas e atípicas com intuito de obter os sons pretendidos (por ex.: percutir cordas da guitarra com baquetas ou deixar cair um prato no chão). Todos os sons foram captados com microfone conetado através de placa áudio ao computador. Os alunos aprenderam a ligar e manusear os aparelhos usados para a recolha áudio.

O propósito desta atividade era, não só fornecer conteúdos programáticos, mas também conseguir cativar com uma atividade semi-lúdica o interesse dos alunos e simultaneamente estimular a sua criatividade.

Abaixo está uma captura de ecrã onde é possível verificar as gravações que foram realizadas para o vídeo em questão. O que está apresentado é o resultado final realizado em duas aulas, pois como uma grande parte da aula foi usada para a explicação das articulações, não sobrou muito tempo para conseguir terminar o exercício, foi por isso necessário usar mais um bloco de aula para completar a sonorização do vídeo.

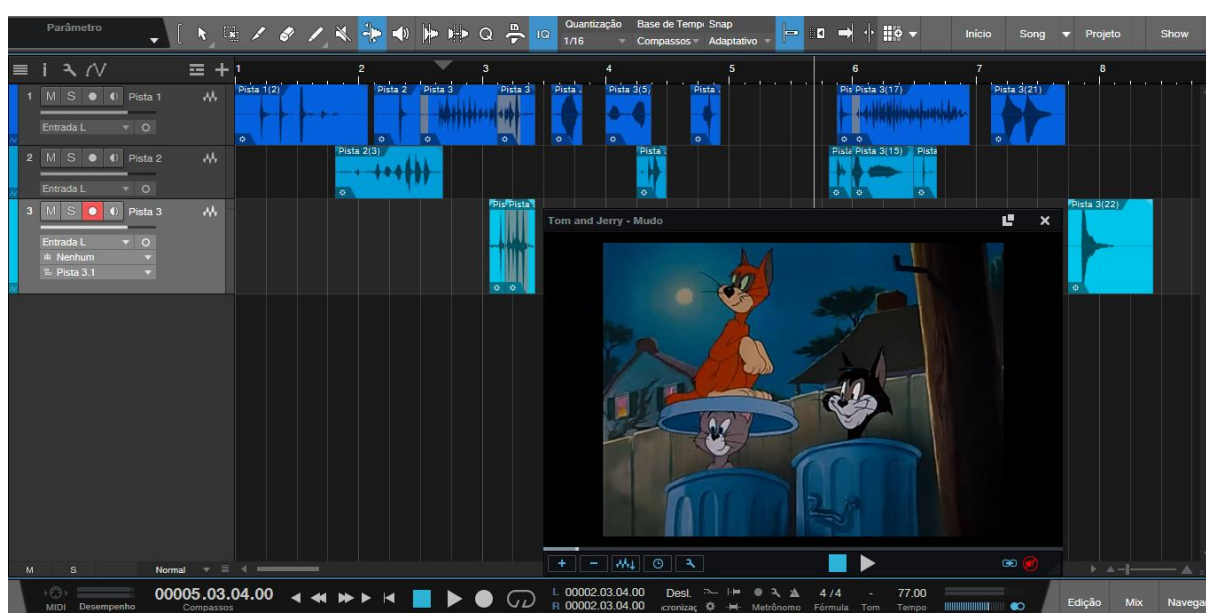


Fig. 4: Captura de ecrã da atividade de aula final

Como foi referido anteriormente, para realizar a captação dos sons foi usado um microfone convencional de membrana e um captador piezo conetados a uma placa de som externa e posteriormente ao computador. Já no computador, o *Software* usado foi o *Studio One* da empresa *PreSonus*. Nessa captação foram também enumeradas algumas regras básicas para o bom uso do material que estava à disposição para a captação. Os alunos foram instruídos sobre o posicionamento dos microfones e a distância e posição a que estes deveriam estar da fonte sonora tendo em atenção a intensidade obtida e pretendida em cada momento. A captação era realizada em pares, um aluno fazia a captação enquanto outro produzia o som pretendido.

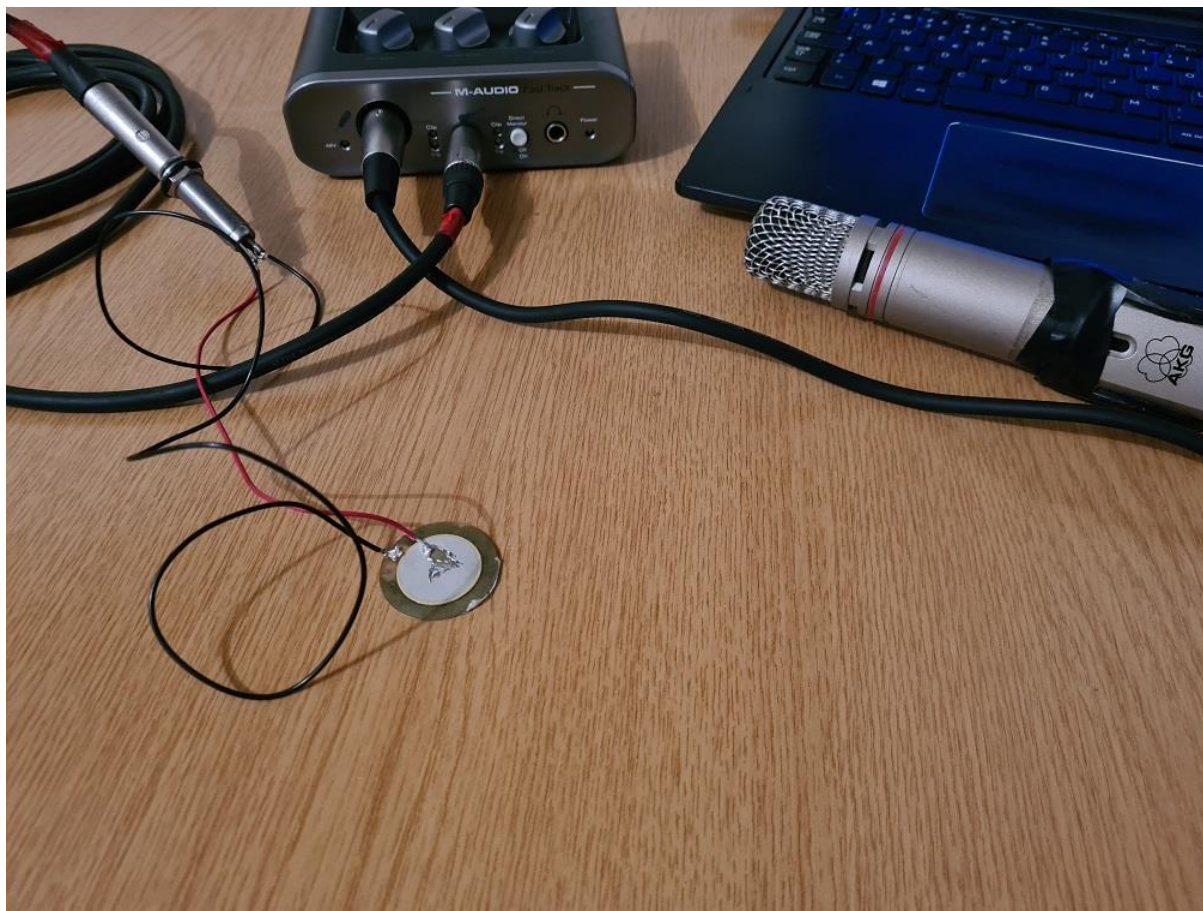


Fig. 5: Microfone e captador piezo

Durante a gravação dos sons foram abordados sutilmente outros conceitos, a dinâmica e o ritmo, isto porque é necessário ter em atenção as sequências rítmicas, por exemplo: simular sons de passos ou acompanhar os intervalos de tempo que existem entre sons repetidos e conciliar com a imagem apresentada. O conceito de dinâmica está diretamente relacionado com a intensidade sonora que é recriada. Os alunos automaticamente conseguiram afirmar quando havia sons que necessitavam de uma maior projeção sonora ou o contrário, mais fracos.

Foi necessário apresentar soluções para evitar excessivas gravações do mesmo som por imprecisão por parte dos alunos, por isso foi explicado e demonstrado no *software* a possibilidade de alterar o volume dos sons, ajudando assim a recriar a dinâmica correta e a arrastar os sons gravados, podendo desta forma colocar no local exato o som pretendido.

No link disponibilizado abaixo, a seguir à Figura 6, é possível ver e ouvir o resultado final desta primeira experiência de sonorização.

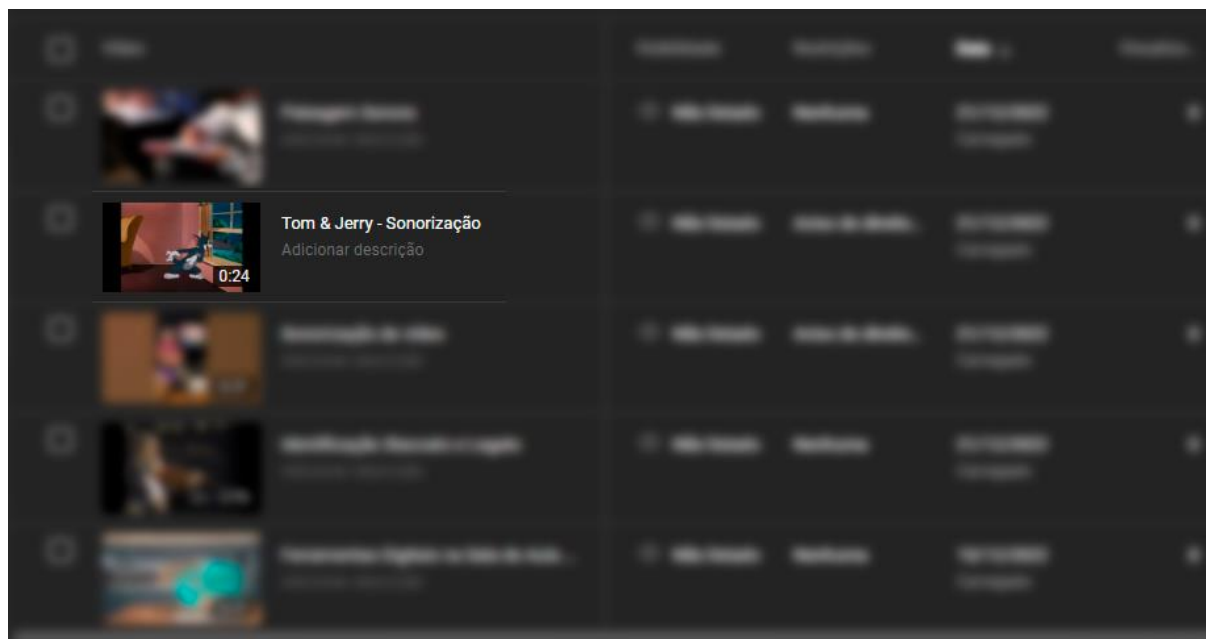


Fig. 6: Imagem exemplificativa: vídeo de sonorização *Tom and Jerry*

[Anexo: Vídeo de sonorização *Tom and Jerry*.](#)

Na fase (2), onde foi realizada a *Recolha* de material que iria ser usado na última fase foi apresentado a ideia geral para o projeto que iria ser feito durante as próximas aulas.

Nesta etapa a intenção seria a de conseguir despertar a atenção para o “ambiente sonoro natural (da geofonia e biofonia, dos sons do vento (...)) e dos outros elementos naturais) e do ambiente mecânico (antropofonia, dos sons dos utensílios, ferramentas e apetrechos utilizados nestas atividades). (Augusto, 2014, p.81). Sons esses que grande parte das vezes passam despercebidos pelo facto de estarem presentes de forma sistemática e rotineira. Sons que estão presentes mesmo quando achamos que estamos inundados em silêncio. Contudo, “como sabemos, depois de Cage, o silêncio não existe. (Augusto, 2014, p.46). Como estamos tão habituados a ouvir estes sons não lhes damos a devida importância e raramente pensamos nas suas características. Este tipo de trabalho está bastante relacionado e vai ao encontro das ideologias de Schafer, onde trata a Paisagem Sonora como a base para as suas composições musicais.

Para elaborar este tipo de trabalho com este tipo de exercício de recolha de informações, foram formados quatro grupos ainda dentro da sala. Estes grupos foram escolhidos aleatoriamente por mim durante a aula com intuito de fomentar novos laços e

evitar que os alunos se juntassem por relações de amizade mais próximas e criassem distrações desnecessárias à aula.

Após se ter realizado esta seleção foi elegido por cada grupo um local da escola onde queriam realizar o trabalho, os locais escolhidos para fazer a recolha de sons foram: ginásio, campo de futebol, biblioteca, portaria e corredor. Em seguida saímos da sala de aula e fomos aos locais onde os alunos permaneceram com o mínimo ruído possível e através do seu caderno de música ou bloco de notas anotaram todos os sons que conseguiam ouvir.



Fig. 7: Recolha por escrito dos sons ambiente

Através deste exercício auditivo os alunos tiveram contacto com vários conteúdos relacionados com música e o que é abordado nas aulas de Educação Musical sem darem conta. Entre esses conteúdos está a perceção de alturas, timbres, intensidades, durações, ritmos, bem como a importância do silêncio.

As imagens abaixo são referentes a dois grupos distintos de diferentes turmas que realizaram a sua audição no mesmo local, no campo de futebol. É notória a diferença de sons que cada grupo conseguiu ouvir e registar durante o mesmo período de tempo. Embora os resultados pudessem ser muito similares, pois estavam no mesmo local da escola, durante o mesmo horário e sem outras turmas presentes, as condições levaram a resultados muito distintos. Relativamente às onomatopeias, não foram pedidas, estas foram escritas por vontade e decisão própria por parte dos integrantes do grupo. Quando questionados sobre esse

detalhe, foi dito que foram escritas como auxiliares para mais tarde compreenderem o que tinha sido escrito.

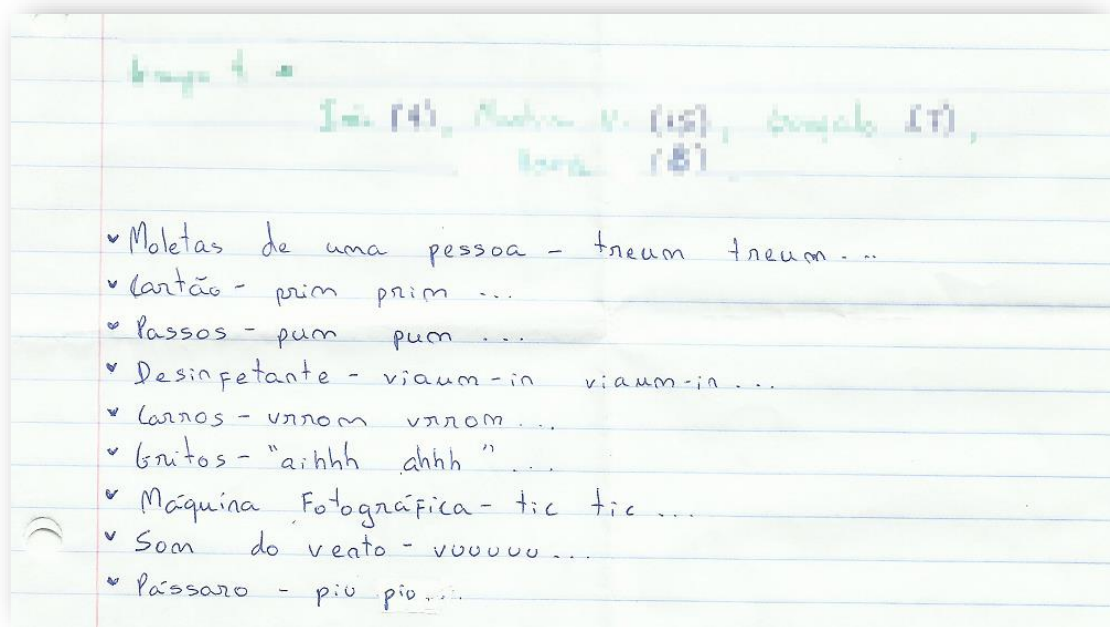


Fig. 8: Lista de sons ambiente recolhidos por um dos grupos (com onomatopeias)

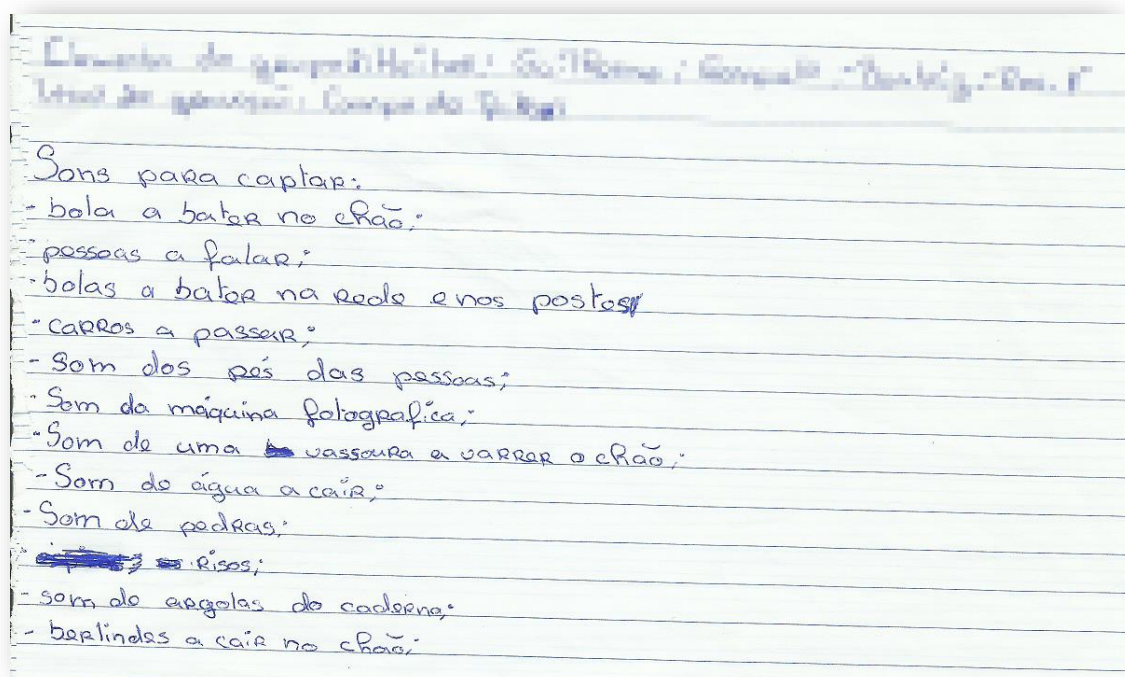


Fig. 9: Lista de sons ambiente recolhidos por um dos grupos (simples)

Esta recolha por escrito teve a duração de duas aulas, isto deveu-se à necessidade de tempo para explicar os objetivos do trabalho, fazer as audições com calma e seriedade e confirmar no final já em sala de aula tudo o que tinha sido feito. Uma das razões para não ter sido possível realizar este trabalho em apenas uma aula foi pela empolgação por parte dos alunos, esta empolgação é devida a uma habitual ausência de atividades no exterior da sala de aula e consequentemente não é fácil conseguir que eles iniciem imediatamente o que é pretendido. Aliado a este constrangimento existe também o facto de por cada turma existirem quatro grupos, cada um em seu local diferente da escola.

Durante este processo foram realizadas filmagens onde os alunos não interviram. As filmagens foram feitas consoante o que os alunos estavam a anotar, por exemplo, ao passar pelo local onde um aluno estava a fazer as suas anotações via o que estava a escrever e de seguida ia fazer uma filmagem que conseguisse captar esse momento/som. Deste modo tomaram com total atenção o trabalho sonoro e não o visual. À medida que eles iam acrescentando sons à lista eu ia percorrendo as listas sem importunar o trabalho e fazia as filmagens necessárias. Estas imagens foram mais tarde combinadas, aleatoriamente, sem seguir nenhum padrão relacionado com as listas de sons criadas pelos alunos, a escolha da ordem foi meramente por uma questão de escolha pessoal e serviram para a criação do produto final que iria ser apresentado aos alunos.

Nas duas aulas seguintes foi realizada a recolha áudio dos sons que foram listados por cada grupo. O processo foi idêntico, os alunos dirigiram-se em grupos aos locais escolhidos por eles e iniciaram a gravação áudio de acordo com os sons que tinham na lista. Para facilitar a logística de transportar o computador e sistema de gravação para cada um dos locais onde seria necessário realizar a gravação, procedeu-se à gravação dos sons com o telemóvel, este que cumpriu perfeitamente a sua função e conseguiu registar, com qualidade superior ao esperado, os sons para posteriormente trabalhar. Desta forma, os alunos tomaram consciência de que não é necessário material de muita qualidade nem dispendioso para poder concretizar este tipo de trabalho.

Após todo o processo anterior onde os alunos reuniram o material necessário para a elaboração da Paisagem Sonora final teve início a fase (3) *Criação*. Nesta fase foi solicitado a cada grupo que trouxesse um computador portátil para poder ser realizado o trabalho, ou seja, cada grupo iria trabalhar em conjunto num computador. Foi instalado o mesmo *software* apresentado na fase (1), *Studio One*, e foram dadas indicações sobre o funcionamento básico das funções que iriam ser usadas para realizar o trabalho.

Na lista abaixo estão algumas das funções explicitadas e fundamentais para a elaboração do trabalho.

- Importação de conteúdo para o Software;
- Mover as pistas áudio dentro do projeto;
- Ajustar dinâmicas;
- Silenciar e colocar a reprodução individual das pistas;
- Adicionar marcadores na pista;
- Ferramentas de corte e seleção;
- Funcionamento de ferramentas básicas de copiar e colar dentro do programa.

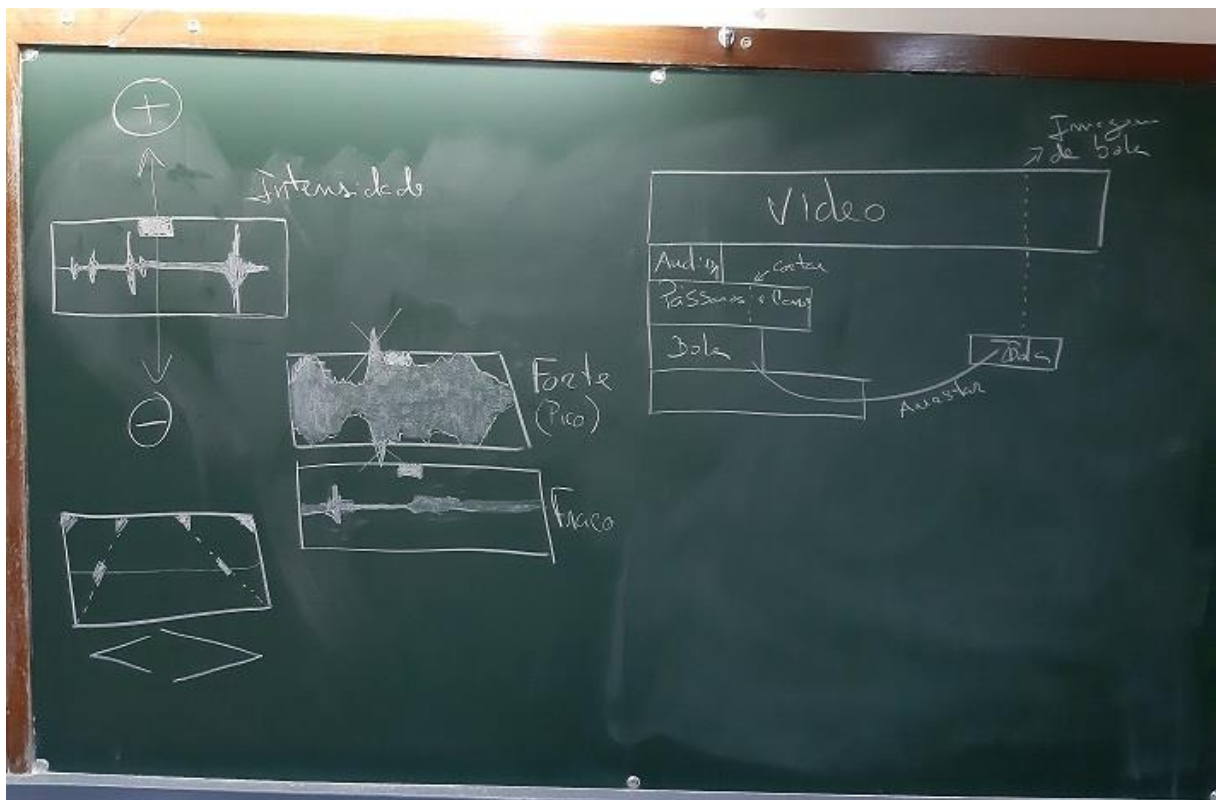


Fig. 10: Quadro com algumas indicações para a elaboração de trabalho



Fig. 11: Desenvolvimento do trabalho de grupo

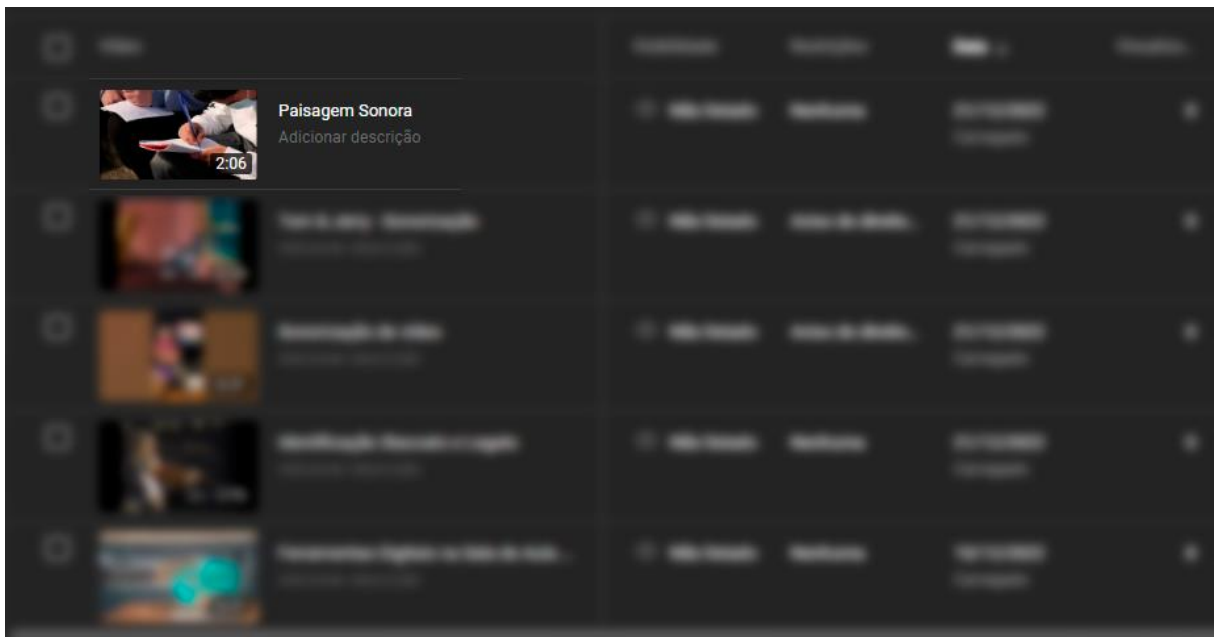


Fig. 12: Imagem exemplificativa: vídeo de paisagem sonora

[Anexo: Vídeo com exemplo de Paisagem Sonora criada por um dos grupos.](#)

Com o intuito de demonstrar o trabalho geral realizado pelos alunos, apresento abaixo através de anexo interativo um vídeo com vários conteúdos. Neste vídeo são expostas várias paisagens sonoras criadas pelos alunos. Também são apresentados no início da sequência algumas imagens que ajudam ao leitor a compreender de que forma os alunos trabalharam os conteúdos no *software Studio One*.

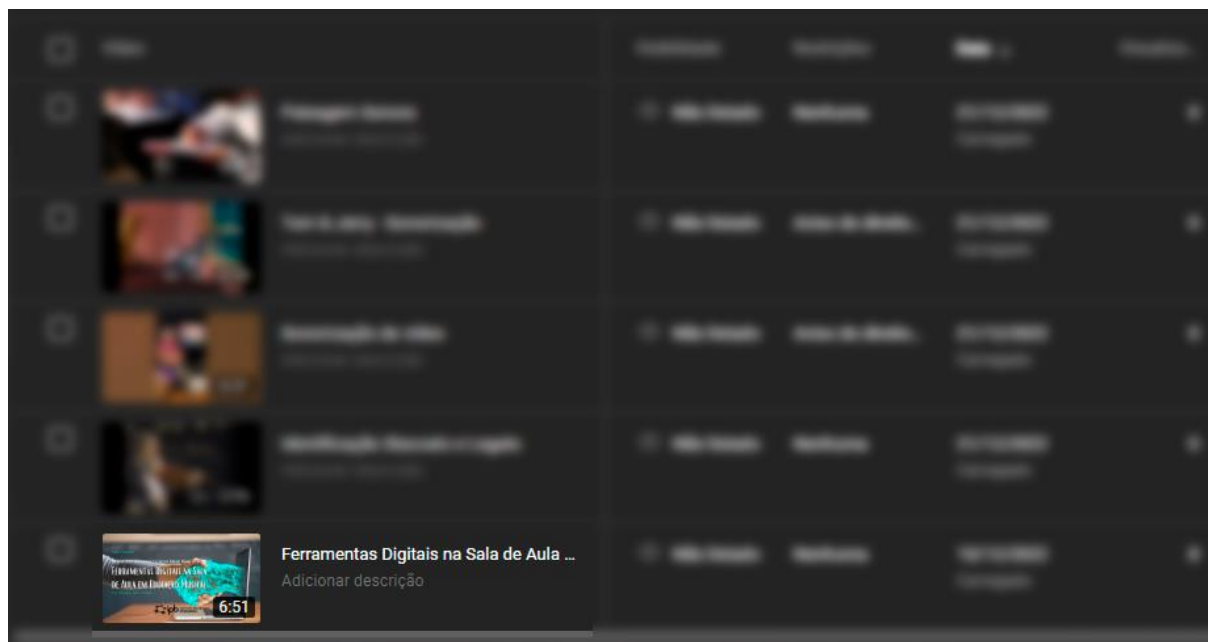


Fig. 13: Imagem exemplificativa: Projeto Final

[Anexo: Projeto final com vários vídeos exemplificativos de desenvolvimento de trabalho e diversas Paisagens Sonoras criadas pelos alunos.](#)

2.3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES - TECNOLOGIA NA MÚSICA + KEYTAR

Uma das aulas realizadas durante a PES estava relacionada com a evolução tecnológica na música. A aula foi dividida em duas partes, na primeira foi feita exposição em vídeo com conteúdo relacionado a esta evolução, na segunda parte da aula foi-lhes apresentado um sintetizador para que os alunos pudessem interagir com este tipo de instrumento.

O primeiro momento foi o que necessitou mais tempo de aula. Os vídeos apresentados foram na sua maioria fornecidos pelo professor cooperante. Após receber os vídeos realizei uma pré-seleção de alguns que achei mais pertinentes aquando da planificação de aula e adicionei outros que achei interessantes pois estavam mais direcionados para o projeto que iria ser realizado.

Iniciei a aula e disse de forma muito breve o que iria ser feito e procedi então à exposição dos vídeos. Durante a reprodução ou nos intervalos de transição eram feitas algumas observações e colocadas questões, tanto por parte dos alunos como por mim. Alguns alunos gostaram e acharam interessantes os conteúdos apresentados, mas na sua maioria era notório, na cara dos alunos, o aborrecimento. Senti que grande parte achou que a aula estava a ser muito enfadonha.

Na segunda parte da aula apresentei um *keytar*, aqui foi o ponto forte da aula. Os alunos mostraram grande admiração pelo instrumento e todos quiseram participar. Colocavam o instrumento aos ombros e mesmo sem saber o que tocar, ou como tocar, alteravam os registos sonoros e experimentavam os diferentes timbres.

Na minha perspetiva, senti que a segunda parte deveria ter sido um pouco mais longa, infelizmente por não ter havido tempo suficiente, nem todos os alunos conseguiram experienciar o instrumento. Senti também que não deveria ter feito uma exposição de vídeos tão longa pois a aula tornou-se muito monótona. Talvez a escolha de vídeos também pudesse ter tido alguma influência, pois como disse anteriormente, houve alguns vídeos que cativaram mais a atenção que outros.



Fig. 14: Keytar usado na aula

Ao contrário de outras aulas planejadas para este estágio que correram bastante bem, esta certamente será uma aula que, quando for necessário repetir, terei de reformular e procurar novas formas de transmitir os conteúdos programáticos.

3. ANÁLISE REFLEXIVA

Para conseguir educar será necessário conhecer e compreender o público-alvo, por isso é imprescindível perceber quais os desenvolvimentos, físicos e cognitivos, presentes em cada faixa etária. É importante ter esta percepção pois desta forma poderemos conseguir alcançar com maior aptidão os objetivos, além de saber como podemos orientar de forma que obtenham o melhor desenvolvimento possível.

As experiências apresentadas acima, tal como todo o trabalho realizado na minha PES foi orientado para usufruir da vertente tecnológica, vertente essa mais direcionada para a área musical. Desta forma, decidi aprofundar um pouco mais sobre esta temática e tentar expor alguns facilitadores e constrangedores relacionados com o uso destas ferramentas, de modo geral e não específico para as ferramentas utilizadas.

As tecnologias desempenham uma função muito significativa no que respeita o desenvolvimento das crianças, seja pelo lado positivo, mas também pelo negativo. Quando presenciamos o desenvolvimento físico das crianças, deparamo-nos com um amadurecimento significativo, por exemplo, entre os 6 e os 11 anos de idade, as diferenças evolutivas fisionómicas são abismais. Além do desenvolvimento visível, também o cérebro muda, como refere Papalia (2012), durante o amadurecimento uma mudança importante é a perda na densidade cinzenta, refletindo a poda de dendritos não utilizados. Sabendo que “a substância cinzenta controla os sentidos do corpo, como audição, sentimento, visão, fala e memória” (Strephonsays, n.d.)¹ é importante ter consciência desta realidade, pois os estímulos positivos que devem ser fornecidos a fim de um bom desenvolvimento estão inteiramente relacionados com estas fases mais tenras. A faixa etária com a qual trabalhei na minha PES é a que prossegue imediatamente estas idades tenras, onde ainda é possível agir e retificar alguma carência de estímulos específicos.

As habilidades motoras também sofrem grandes alterações. Nestas idades as crianças já se encontram bastante desenvolvidas e as atividades de recreio são uma mais-valia para auxiliar esse desenvolvimento. Se analisarmos a realidade atual a nível tecnológico, deparamo-nos com um decréscimo de atividades ao ar livre, como referido por Papalia et al. (2012) as crianças relativamente aos anos 80 passam menos tempo a praticar desporto ao ar

¹ Retirado de: Strephonsays (n.d.) Diferença entre a matéria branca e a matéria cinzenta, acedido em 12 de junho de 2022, em: [Ligação](#)

livre, mais horas na escola a fazer trabalhos de casa e muito mais tempo a ver televisão. Se a isto adicionarmos as restantes ferramentas, telemóveis, consolas, internet, verificamos que, mais que nunca, o recreio desobstruído de tecnologia, é uma das mais valias para melhorar o desenvolvimento motor, pois “crianças ativas tendem a tornar-se adultos ativos.” (Papalia et al., 2012, p.320). Além destes problemas apresentados, existem outros que carecem de menção, problemas relacionados com Lesões por Esforço Repetitivo. Estes já vigoram há algum tempo, mas têm vindo a piorar, pois “*notebooks* e *laptops* têm uma ergonomia pior do que os computadores de mesa, (...) após horas de uso, é muito comum apresentar dores musculares no pescoço, lombalgia e tendinite de punhos e dedos” (Doenças 2.0, 2011)². O uso sistémico de telemóvel que implica movimentos repetitivos traz, de igual forma, consequências menos boas, sendo assim uma das causas para a tendinite.

Relacionando as questões tecnológicas com o desenvolvimento cognitivo, estas irão, de igual forma, interferir no desenvolvimento das crianças. Em situações concretas como por exemplo o domínio linguístico, a tecnologia traz benefícios, pois existem estudos que comprovam que “as crianças de hoje em dia são melhores escritores que as da geração passada, usando estruturas frasais bem mais complexas, um vocabulário mais amplo e uma utilização mais precisa de letras maiúsculas, pontuação e ortografia” (Guerra, 2014, como citado em De Paiva & Costa, 2015, p.7). Estes resultados devem-se à exposição prematura constante com elementos textuais presentes nas ferramentas tecnológicas.

Como refere Souza & Souza (2010) ainda é possível também poder usar estas ferramentas como meio de auxiliar a ligação aluno-escola em situações onde a criança tem maior dificuldade em aprender. Esta poderá identificar falhas e atenuá-las, seja pela ferramenta em si, ou pelo despertar de interesse ao aluno pelo estudo por via de meios alternativos aos tradicionais. Este foi o ponto em que se baseou a minha PES, o despertar do interesse por conteúdos onde facilmente os alunos podem perder o interesse.

Se analisarmos o quadro geral, percebemos que também existem outros pontos negativos que devem ser referidos.

causa o embotamento afetivo, despersonalização, ansiedade e depressão, impedindo o pleno desenvolvimento e amadurecimento afetivo, físico, cognitivo e social das crianças (...) a comodidade, rapidez e flexibilidade na aquisição de informação diminuem o esforço das pessoas em buscar fontes alternativas de lazer, trabalho e estudo. (De Paiva & Costa, 2015, p.6)

² Retirado de: Doenças 2.0: Quando o uso da tecnologia é patológico - Dr. Teuto. (2011, agosto 24), acessido em 12 de junho de 2022, [Ligação](#)

o que se traduz num decréscimo de atividade cerebral específica. Embora sejam trabalhadas áreas como a da linguística e imagística, as áreas específicas dedicadas ao desenvolvimento motor e à memória são mais prejudicadas.

No futuro será notória a redução de memória, se fizermos a relação com o que foi dito anteriormente, esta fase de desenvolvimento, e outras mais tenras são muito importantes na aquisição de competências e aumento ou diminuição de funções específicas cerebrais. Quando uma criança recorre aos *micro-chips* constantemente como auxiliar de memória externo, está a fazer com que o cérebro não precise exercitar e acabe por prescindir dessas funções. “Visto que a memória de trabalho é necessária para armazenar informação enquanto outro material é manipulado mentalmente, a capacidade da memória de trabalho de uma criança pode afetar diretamente o seu sucesso escolar” (Alloway, 2006, como citado em Papalia et al., 2012, p.330). Estas questões de memória, embora que em determinadas situações possam afetar o sucesso escolar, não têm relação direta com a inteligência, o desenvolvimento da criança continua a existir, apenas difere do que era habitual em épocas anteriores. Se a escola e o meio acompanhar a evolução tecnológica, isto não se traduzirá num problema para a criança, mas sim numa característica. Segundo Castro, E., Chavarria, F., & Morgado, D. C. (2012) pensa-se que a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação de uma forma sistemática permite ao aluno: o desenvolvimento do trabalho autónomo; a recolha, seleção e verificação de informações; o conhecimento de outras culturas através de uma maior abertura ao mundo. Ou seja, o uso continuado das tecnologias poderá fazer com que outras áreas do cérebro, que anteriormente não estavam tão despertas, se manifestem mais, e outras que não são tão usadas, como o caso da memória, se revelem menos eficientes.

CAPÍTULO IV
REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

1. DISPOSIÇÃO, CONSTRUÇÃO, CONCEPÇÃO, Da Capo

Será importante começar por esclarecer que existem diferenças entre a aplicação da palavra competência singular e competências plural, pois “como sucede com quase todos os conceitos em educação, também o conceito de “competência” é suscetível de múltiplas formas de definição e de interpretação”. (Esteves, 2016, p.38) O primeiro conceito, competência, está relacionado com a qualidade individual de um profissional. Podemos afirmar que um profissional tem mais ou menos qualidade no que diz respeito ao ofício a que está vinculado se este tiver mais ou menos competência para o exercer. Já no que diz respeito ao conceito competências, este “remete para um certo número de traços particularizáveis evidenciados na ação, que podem ser observados e descritos sem que necessariamente se lhes tenha que atribuir um valor.” (Esteves, 2016, p.39)

Como tal, a competência profissional não é um bem adquirido, nem instantâneo, é algo que através de vários fatores se vai construindo ao longo do tempo com experiência, vivências e investimento pessoal. Esta é uma opinião unânime entre vários profissionais na área do ensino, tal como esclarece “M. Fryxell, num trabalho concluído em 2003 (...) sobre os saberes profissionais de que os mesmos eram portadores (...) os professores inquiridos realçavam o papel primordial da experiência. (...) ainda que reconhecendo a importância dos saberes científicos adquiridos antes de passarem à prática profissional, sublinharam o papel incontornável da experiência para a apropriação e consolidação das competências”. (Esteves, 2016, p.44 e 45) Esteves (2016) apresenta ainda no seu artigo alguns outros trabalhos/estudos, todos eles com resultados muito idênticos, como é o caso de outro estudo realizado por H. Bernardes a professores do 1.º ciclo onde concluiu semelhantemente que estes valorizavam a construção e aquisição dos saberes através da experiência, secundarizando as aprendizagens formais em contexto de formação inicial, valorizando o estágio pedagógico como a fonte mais relevante dessa formação.

Posso com isto afirmar que tenho uma posição ideológica muito semelhante relativamente aos inquiridos nestes estudos. Sinto que neste passo onde iniciei esta caminhada com esta faixa etária ainda ficou muito por fazer, muito por desenvolver, pouco por garantido. Apesar de já ter tido contacto com o ensino em anos anteriores com faixas etárias mais tenras, esta experiência imersiva no que diz respeito aos fundamentos teóricos da profissão docente e

a prática de ensino no terreno, trouxe-me uma visão diferente e fez com que a minha postura na sala de aula relativamente a certas situações também sofresse mudanças.

Uma das razões para ter escolhido esta abordagem mais tecnológica foi também uma tentativa de me superar profissionalmente, de exercer alguma força comigo mesmo para explorar diferentes formas de trabalhar, originária do trabalho previamente realizado durante o primeiro ano do Mestrado.

2. ESCOLHA DE TEMA

No que diz respeito à escolha do projeto, a paisagem sonora, percebi desde o início que seria difícil levar a cabo a consciencialização relativamente ao ambiente acústico, pois para isso precisaria de muito mais tempo do que aquele que realmente existiu. Ainda assim, foi possível aplicar algumas ideias de Murray Schafer e John Paynter, mais concretamente na busca artística de expressão individual.

Toda experiência musical consciente tem a ver com aventuras dos sentimentos, da imaginação e da invenção. Essas características são compartilhadas pela composição, a interpretação e a escuta, e é de se supor que merecem um lugar de destaque na Educação Musical. (Paynter, 2010, p. 14)

Como afirma Paynter no seu livro *Sonido y Estructura*, ele fornece uma visão de Educação Musical e não um método de ensinar música. Nele são apresentados reflexivamente alguns projetos musicais sobre os caminhos que devem ser tomados. Essas guias não requerem uma necessidade de seguir normas concretas e neles está envolvida a escuta criativa, composição, improvisação e apreciação. Enaltecendo a necessidade de concretizar mais atividades práticas com os alunos Paynter apresenta a seguinte analogia:

O homem que morde uma semente de mostarda sabe mais sobre seu sabor do que o homem que tenha visto um carregamento inteiro (de mostarda) em cima de um elefante. Portanto, seja para ampliar o vocabulário familiar, seja para inventar com mais audácia novas formas de fazer a música, o importante é o ato de fazer. (Paynter, 2010, p. 82)

Porventura, mais atividades práticas por si só não significam mais qualidade, será necessário priorizar o cariz qualitativo do que é feito com os alunos. Como é hábito nas

escolas, as aulas de música são grande parte das vezes destinadas a apresentações nas festividades e de fim de ano. Daqui advém uma fraca exploração artística. Reserva-se muito pouco tempo para trabalhar no que realmente é importante, como a exploração musical, novas tecnologias, explorar a criatividade dos alunos e do professor. Apesar de haver exceções, pois existem professores que lutam para que isto não aconteça, o que sucede muitas das vezes é que estes docentes se sentem obrigados a ceder, a fim de evitar confrontos desnecessários, perante os pedidos feitos por parte da escola. Voltando atrás e complementando o que foi referido relativamente ao cariz qualitativo do que é feito nestes eventos, na maioria das vezes as músicas tradicionais que são praticadas são músicas já conhecidas de anos anteriores, ou que tradicionalmente estão presentes fora do contexto estudantil e não acrescentam, ou acrescentam pouco, aos saberes e experiências dos alunos. Como afirma Paynter (2010), precisamos sair do comum, do tradicional e aventurar-nos por caminhos muitas vezes não aceites pela tradição. As propostas destes compositores ainda são muito excêntricas para grande parte da comunidade, apesar de já terem sido apresentadas nos anos 60 e 70. Existe de facto uma necessidade de renovar e reorganizar o que é feito nas escolas, na disciplina de Educação Musical. Com isto não quero dizer que devemos descurar a importância dos conteúdos que são administrados, mas sim ressaltar a importância de os aplicar de forma diferente e inovadora, que vá ao encontro da necessidade dos alunos na era vigente.

Estas propostas mencionadas procuram amplificar o campo da expressão artística individual dos alunos. Não se trata de atividades supérfluas, nem lúdicas, apesar de eles poderem encarar como tal, daí ter referido anteriormente durante o relatório *semi-lúdica*.

As formas livres podem parecer uma desculpa para a falta de disciplina musical, mas não é assim. A liberdade tem a sua própria disciplina - um fato que, certamente, se pode ensinar com eficácia mediante projetos de composição em aula nos quais tem de se definir novas convenções (ou regras de jogo). (Paynter, 2010, p.161)

Na realidade estas propostas procuram trabalhar áreas importantes inconscientemente, a escuta, a criação, a improvisação e interpretação, tudo isto estruturado conscientemente com uma finalidade, o conhecimento através da experimentação.

Uma das mais valias deste tipo de projetos prima pelo facto de não ser necessário utilizar instrumentos convencionais, o que auxilia o professor quando não tem recursos suficientes ao seu dispor. Neste caso em particular, além de se ter explorado algumas das propostas destes compositores em relação à paisagem sonora, recorreu-se ao uso da

tecnologia para elaborar o projeto e constatei que, de igual forma, foi difícil conseguir alcançar os objetivos. A falta de material apto para este tipo de trabalho por parte dos alunos e por parte da escola, impossibilitou a sua execução por alguns dos grupos intervenientes.

Foi questionado aos alunos de ambas as turmas a possibilidade de poderem trazer os seus computadores portáteis com a finalidade de concretizar o projeto. Como seriam necessários apenas quatro computadores por turma, um por grupo, a resposta foi positiva, havendo a possibilidade por parte de alguns grupos de trazer o computador portátil pessoal previamente fornecido pela escola a alguns dos alunos.

Após terem sido feitas as captações áudio avançámos para a aula onde seria necessário o uso do computador. Aquando da necessidade de instalação de um programa de edição áudio para a concretização do trabalho deparei-me com um problema, alguns alunos não trouxeram computador, como solicitado previamente. Este contratempo foi facilmente ultrapassado pois disponibilizei o meu computador pessoal para uso. O segundo contratempo foi mais problemático, o que levou à impraticabilidade de alguns projetos. Os computadores fornecidos pela escola não permitem a instalação de programas, ou seja, servem apenas o propósito de pesquisa online e realização de trabalhos com os programas disponíveis de origem, *Microsoft Office* e pouco mais. Questionei sobre a possibilidade de utilização de outros computadores da escola, mas estes enfrentavam a mesma restrição. Além de não terem condições para executar este tipo de programas, mesmo que fosse possível instalar o *software* necessário, são computadores antigos e com poucas capacidades para correr estas ferramentas. Perante estas condicionantes a solução foi, como referi anteriormente, disponibilizar o meu computador pessoal aos alunos. Quando os alunos não estavam a trabalhar diretamente no trabalho estavam a acompanhar o desenvolvimento dos restantes grupos através da projeção na tela.

3. CONCLUSÃO

A partir dos dados expostos neste trabalho aferiu-se que as tecnologias têm um sério impacto no desenvolvimento físico e cognitivo das crianças. Esse impacto pode ser visto de uma forma negativa em alguns pontos, pois existem, mas também positivo noutros aspetos. As ferramentas tecnológicas já estão há muito inseridas no dia-a-dia das crianças, e conseqüentemente no seu desenvolvimento físico e cognitivo. De acordo com Carvalho (2003), a tecnologia

está muito mais poderosa e a música nos computadores deixou definitivamente de ser assunto exclusivo de programadores e utilizadores avançados. Chegou a vez dos músicos utilizadores de computadores. Agora qualquer amador pode brincar como os profissionais, com ferramentas do mesmo tipo, com funcionalidades similares e com qualidade suficiente para valer a pena compro, gravar e editar em CD, nem que seja apenas para o familiares e amigos. (p. 2)

Resta então conseguir orientar e acompanhar de uma forma positiva a evolução que já vigora, amenizando os constrangedores através de algumas inibições que permitam contornar as repercussões menos boas resultantes do uso excessivo destas ferramentas, e aproveitar os facilitadores e desenvolver as devidas competências da forma mais assertiva. Ao ter esta consciência será possível numa situação concreta tomar as devidas medidas corretivas a aplicar e auxiliar o desenvolvimento dos alunos, ser professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augusto, C.A. (2014). *Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Carvalho, F. (2003). *Composição e Produção Musical com o PC (2ª edição)*. FCA – Editora Informática.
- Castro, E., Chavarria, F., & Morgado, D. C. (2012). A Importância Das TIC No Processo De Desenvolvimento Curricular. <https://tinyurl.com/msbamnyx>
- De Paiva, N. M. N., & Costa, J. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. *Psicologia*. pt, 1, 1-13.
- Esteves, M. (2016). Construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. *Sísifo*, (8), 37-48.
- Gordon, E.E. (2015). *Teoria de Aprendizagem Musical - Competências, Conteúdos e Padrões*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J., Dos Santos, M. E. C., & Ferreira, R. de F. C. (2021). Literacia digital e novas competências docentes: Desafios e perspectivas / Digital literacy and new teaching skills: challenges and perspectives. *Brazilian Journal of Development*, 7(4), 34873–34887. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-105>
- Loureiro, A. & Rocha, D. (2012). Literacia Digital e Literacia da Informação - Competências de uma era digital. In Matos, J. et al (Eds.) *Atas do ticEDUCA2012 - II Congresso Internacional TIC e Educação* (pp. 2726-2738). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-96999-8-4.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., Feldman, R. D., Martorell, G., & Papalia, D. E. (2012). *Experience human development* (12th ed). McGraw-Hill.
- Paynter, J. (2010) *Sonido y Estructura*. Ediciones Akal.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Pereira, S., Pessôa, C., & Costa, P. (2012). Literacia digital e tecnologias criativas: Um estudo qualitativo com crianças dos 10 aos 13 anos a partir do ‘Ateliê de Formas para Animação’. *Comunicação e Sociedade*, 22, 110–130. [https://doi.org/10.17231/comsoc.22\(2012\).1277](https://doi.org/10.17231/comsoc.22(2012).1277)
- Prado, A. F., Coutinho, J. B., Reis, O. D. P. D. O., & Villalba, O. A. (2013). Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão. *Saber Revista Eletrônica*. Londrina: INESUL, 21(1), 1-13. https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_1373923960.pdf

- Sadio-Ramos, F. J., Ortiz-Molina, M. A., & Bernabé-Villodre, M. del M. (2021). Desenvolvimento de competências por meio das TIC e formação de professores de Música: Uma experiência biográfica. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, 14(1), e25419. <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2021.25419>
- Souza, I. M. A., & Souza, L. V. A. (2010). *O Uso Da Tecnologia Como Facilitadora Da Aprendizagem Do Aluno Na Escola*.
- Schafer, R. M. (1993) *Voices of Tyranny Temples of Silence*. (Arcana Editions).

LEGISLAÇÃO PORTUGUESA CONSULTADA

Martins, G. de O. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2018) *Aprendizagens essenciais, articulação com o perfil dos alunos, 2º ciclo Educação Musical*

Ministério da Educação. «Decreto-Lei n.º 3/2008 | DRE». Obtido a 12 de março de 2022 (<https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/3-2008-386871>)

Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança. Obtido a 25 de outubro de 2022 (<https://tinyurl.com/2r9n7sdw>)

Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada. Obtido a 25 de outubro de 2022 (<https://tinyurl.com/yvsa7cbc>)

ANEXOS

Anexo 1

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 1

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Identificação de acordes maiores e menores;
- Atividades práticas.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- A organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- A memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

Objetivo:

- Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes.

- Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados.

- O planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- O entendimento e o cumprimento de instruções;
- A interação com o professor, colegas e audiências.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Relacionar a sua experiência musical com outras áreas do conhecimento, através de atividades diversificadas que integrem e potenciem a transversalidade do saber.

- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo.
- A assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

Acordes Maiores e menores.

Procedimento(s):

1- Questionamento, exposição e explicação. (20min.)

- 1) Numa fase inicial são colocadas questões que permitam auferir se existe conhecimento relativamente à formação de acordes. (5min.)

- 2) Exposição e explicação da constituição de um acorde maior e menor (15min.)
- 2- Desenvolvimento: atividades práticas. (60min.)
- 1) Os alunos são chamados em pares para se deslocarem ao teclado de chão;
 - 2) Colocam um instrumento ou outro tipo de objeto na primeira nota do acorde dada previamente pelo professor e de seguida seguirá uma exposição auditiva do acorde;
 - 3) Após audição os alunos são questionados sobre a identificação do acorde;
 - 4) De seguida têm de dizer quais os intervalos constituintes desse acorde e terão de se posicionar sobre a nota correta no teclado de chão.
- 3- Continuação de atividade prática, de uma forma semi lúdica, que permite repetir a quem quiser melhorar ou tenha mais dificuldades. Nesta parte da aula os alunos podem escolher repetir o exercício de forma mais leviana e sem pressão de errar, o que permite um maior à vontade e consequentemente uma melhor prestação e consolidação de conhecimentos. (10min.)

Recursos:

- Computador e projetor;
- Piano;
- Teclado de chão (papel).

Avaliação:

- O aluno com nota 5 deverá sem dificuldades conseguir identificar auditivamente o acorde e colocar-se nas respetivas teclas indicando o intervalo solicitado;
- O aluno com nota 4 poderá falhar uma das três tarefas solicitadas, identificar acorde tocado, posicionar-se sobre as teclas corretas ou indicar o intervalo entre duas notas. Poderá haver um incremento de nota se a postura comportamental e a facilidade com que realiza a atividade se manifeste merecedora de incentivo (nota superior apenas após questão extra que permita decifrar uma falha pontual nos exercícios dados).
- O aluno com nota 3 poderá falhar duas das três tarefas solicitadas, identificar acorde tocado, posicionar-se sobre as teclas corretas ou indicar o intervalo entre duas notas. Poderá haver um incremento de nota se a postura comportamental e a facilidade com que realiza a atividade se manifeste merecedora de incentivo (nota superior apenas após questão extra que permita decifrar uma falha pontual nos exercícios dados).
- O aluno com nota 2 não consegue identificar qualquer uma das tarefas solicitadas.
- Além do descrito acima, será atribuído nota 1 se o aluno tiver má conduta de sala de aula.

Referências Biográficas:

Ministério da Educação (2018) *Aprendizagens essenciais, articulação com o perfil dos alunos, 2º ciclo Educação Musical*

Ministério da Educação (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.*

Anexo 2

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 2

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Captação e edição áudio;
- Sonorização de vídeo (Tom & Jerry).

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas.

- Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software).

- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos culturais;
- A memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- A imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

Objetivo:

- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo;

- Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados.

- O desenvolvimento do pensamento crítico, face à qualidade da sua própria produção musical e à do meio que o rodeia;
- A manifestação da sua opinião em relação aos seus trabalhos e aos dos pares;
- O cruzamento de diferentes áreas do saber;
- O questionamento e experimentação de soluções variadas;
- O planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- A seleção e a organização de informação;
- A interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- A seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- A utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo.

Conteúdo(s):

Novas tecnologias na Educação Musical
Atividades práticas

Procedimento(s):

1. Dar a conhecer as articulações Legato e Staccato através de exemplos no piano e vídeo. (15min.)
2. Apresentar o *Software* a ser trabalhado e explicar o exercício a realizar. (75min.)
 - 1) Os alunos deverão visionar um vídeo fornecido sem som e analisar todos os movimentos característicos que poderão ser sonorizados;
 - 2) De seguida devem encontrar instrumentos convencionais ou não convencionais e tentar encontrar sons que possam ir ao encontro das imagens apresentadas no vídeo;
 - 3) Após concordância por parte de todos os alunos será feita a gravação desses mesmos sons e serão sobrepostos no vídeo.

Recursos:

- Computador com software de gravação e edição áudio (Studio One);
- Microfone, placa de som e colunas;
- Projetor.

Avaliação:

- Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 3

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 3

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Continuação da aula anterior.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas;
- Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software).

- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos culturais;
- A memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- A imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

Objetivo:

- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo;
- Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados.

- O desenvolvimento do pensamento crítico, face à qualidade da sua própria produção musical e à do meio que o rodeia;
- A manifestação da sua opinião em relação aos seus trabalhos e aos dos pares;
- O cruzamento de diferentes áreas do saber;
- O questionamento e experimentação de soluções variadas;
- O planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- A seleção e a organização de informação;
- A interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- A seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- A utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo.

Conteúdo(s):

Novas tecnologias na Educação Musical
Atividades práticas

Procedimento(s):**Recursos:**

- Computador com software de gravação e edição áudio (Studio One);
- Microfone, placa de som e colunas;
- Projetor.

Avaliação:

- Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 4

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 4

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Tecnologia na música;
- Atividades práticas.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- A imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

Objetivo:

- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo.

- A seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva

Conteúdo(s):

Tecnologia na música

Procedimento(s):

1. Iniciar a aula com exposição de vídeos onde seja permitido perceber a evolução tecnológica ao longo de um determinado período (+/- 50 anos)
2. Interação com instrumentos digitais. (sintetizador)

Recursos:

- Computador;
- Projetor;
- Sintetizador.

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 5

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 5

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Paisagem sonora;
- Recolha por escrito de sons.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- Memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- Reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.
- Cruzamento de diferentes áreas do saber.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

- Questionamento e experimentação de soluções variadas;
- Planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- Seleção e a organização de informação musicais.
- Interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- Inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes;
- Entendimento e o cumprimento de instruções;
- Seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- Utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura;
- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo;
- Assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

Sensibilização sonora, interação com espaço exterior e reconhecimento tímbrico, dinâmico, rítmico, altura e texturas sonoras.

Procedimento(s):

3. Explicar os objetivos de aula e do projeto;
4. Proceder à escolha de grupos (quatro), escolhidos pelo professor e cada grupo escolherá um local na escola onde pretende realizar a escuta e registo de sons;
5. Ir aos locais escolhidos por cada um dos grupos e em silêncio observar e escutar os sons ambiente. Todos os sons deverão ser anotados por todos os elementos do grupo.

Recursos:

- Quadro;
- Caderno e lápis/caneta.

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 6

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 6

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Paisagem sonora;
- Gravação de sons.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- Memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- Reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.
- Cruzamento de diferentes áreas do saber.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

- Questionamento e experimentação de soluções variadas;
- Planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- Seleção e a organização de informação musicais.
- Interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- Inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes;
- Entendimento e o cumprimento de instruções;
- Seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- Utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura;

- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo;
- Assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

Sensibilização sonora e tecnológica. Interação com espaço exterior e reconhecimento tímbrico, dinâmico, rítmico, altura e texturas sonoras bem como de ferramentas de gravação sonora.

Procedimento(s):

6. Os alunos deverão juntar-se e discutir em grupo quais os sons que pretendem gravar para a realização do projeto.
7. Após interação de grupo e escolha de sons que pretendem gravar, os alunos dirigem-se aos locais escolhidos para proceder à gravação dos sons ambiente.
8. Na eventualidade de algum dos sons não ser possível ouvir naturalmente, poderá ser criado propositadamente.

Recursos:

- Telemóvel (captação);
- Piezo (captação);
- Caderno e lápis/caneta.

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 7

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 7

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Continuação da aula anterior;
- Introdução de ferramentas de edição áudio.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- Memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- Reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.
- Cruzamento de diferentes áreas do saber.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

- Questionamento e experimentação de soluções variadas;
- Planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- Seleção e a organização de informação musicais.
- Interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- Inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes;
- Entendimento e o cumprimento de instruções;
- Seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- Utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura;
- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo;
- Assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

- Sensibilização sonora e tecnológica. Interação com espaço exterior e reconhecimento tímbrico, dinâmico, rítmico, altura e texturas sonoras bem como de ferramentas de gravação sonora;
- Tecnologia na música.

Procedimento(s):

9. Ir aos locais escolhidos pelo grupo e onde foi feita a audição dos sons do ambiente e proceder à captação de sons. (finalização)
10. Iniciar o processo criativo da paisagem sonora onde os alunos colocarão os sons pela ordem que acharem mais pertinente num *software* de edição áudio "*Studio One*". A base de trabalho será um vídeo com imagens dos locais onde cada grupo fez a recolha de sons. Esse vídeo não contém áudio e os alunos deverão importar os ficheiros gravados por eles para o *software* e organizar da forma que acharem mais pertinente, seja pela lógica ou pela criatividade.

Recursos:

- Computador;
- Software "*Studio One*"

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 8

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 8

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Continuação da aula anterior;
- Ferramentas utilitárias de edição áudio.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- Memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- Reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.
- Cruzamento de diferentes áreas do saber.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

- Questionamento e experimentação de soluções variadas;
- Planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- Seleção e a organização de informação musicais.
- Interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- Inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes;
- Entendimento e o cumprimento de instruções;
- Seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- Utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura;
- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo;
- Assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

Tecnologia na música

Procedimento(s):

11. Continuação do processo criativo da aula anterior.
12. Apresentação de ferramentas utilitárias existentes no software de edição áudio: corte, ajuste de dinâmicas e adição de efeitos.

Recursos:

- Computador
- Software “*Studio One*”

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

Anexo 9

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA - ESCOLA PAULO QUINTELA
EDUCAÇÃO MUSICAL**

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 9

Data: _____

Hora: _____

Orientador Cooperante: _____

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

- Finalização de projeto.

Objetivo(s):**Domínio de referência: Experimentação e Criação**

Objetivo:

- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.

- Organização de atividades artístico-musicais onde se possam revelar conhecimentos, capacidades e atitudes;
- Experiências sonoras e musicais que estimulem a apreciação e fruição de diferentes contextos;
- Memorização e a mobilização do conhecimento em novas situações;
- Reflexão crítica sobre o que foi feito justificando os comentários;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais;
- Imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros/musicais.
- Cruzamento de diferentes áreas do saber.

Domínio de referência: Interpretação e Comunicação

- Questionamento e experimentação de soluções variadas;
- Planeamento, a organização e apresentação de tarefas;
- Seleção e a organização de informação musicais.
- Interação com o professor, colegas e audiências, argumentando as suas opiniões, admitindo e aceitando as dos outros;
- Inclusão da opinião dos pares para a melhoria e aprofundamento de saberes;
- Entendimento e o cumprimento de instruções;
- Seleção e organização de diversas fontes sonoras de acordo com a sua intenção expressiva;
- Utilização de vários processos de registo de planeamento, de trabalho e de ideias.

Domínio de referência: Apropriação e reflexão

Objetivo:

- Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura;

- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.

- A utilização dos elementos expressivos da música;
- A procura de soluções diversificadas como resposta a situações várias;
- A indagação de diversas realidades sonoras para a construção de novos imaginários;
- Colaborar constantemente com os outros e ajudar na realização de tarefas;
- Apresentar soluções para a melhoria ou aprofundamento das ações;
- Interagir com o professor e colegas na procura do êxito pessoal e de grupo;
- Assunção de responsabilidades relativamente aos materiais e ao cumprimento de regras (como saber esperar a sua vez, seguir as instruções dadas, ser rigoroso no que faz);
- Descrever os procedimentos usados durante a realização de uma tarefa e/ou abordagem de um problema.

Conteúdo(s):

Tecnologia na música

Procedimento(s):

13. Finalização do projeto.

Recursos:

- Computador
- Software “*Studio One*”

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas estabelecidas no grupo.

Referências Biográficas:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
EMIDIO GARCIA
INVENTÁRIO DE MATERIAL DA
ARRECADADÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Disciplina: Educação musical

MATERIAL	QUANTIDADE	OBSERVAÇÕES
Xilofone baixo	1	
Xilofone contralto	3	
Xilofone soprano	1	
Metalofone baixo	1	
Metalofone contralto	2	Falta placa
Metalofone soprano	1	
Jogo de sinos	6	Falta lâmina Si
Jogo de sinos cromático	1	
Lâminas de metalofone suplentes	9	
Lâminas de xilofone suplentes	9	
Bombo grande	1	
Bombo	1	
Tamborim grande	4	
Tamborim pequeno	8	5 Pele danificada
Bongós	2	1 Danificado
Rototone Century mod Rts 6810	1	
Baquetas	20 Pares	
Pandeiretas	2	
Pandeiretas de pele	4	
Prato suspenso	11	
Triângulo	3	
Guizeira	2	
Fita de guizos	2	
Maracas	2 Pares	
Clavas	9 Pares	
Crótalos	1	Danificado
Reco-reco/bloco de dois sons	5	
Castanholas	1	
Caixa chinesa	1	
Monobloco	2	
Quadro pautado	1	
Aparelhagem Philips Fw 350c	1	
Órgão Cásio Wk 3500 com suporte	1	

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
EMIDIO GARCIA
INVENTÁRIO DE MATERIAL DA
ARRECADAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Disciplina: Educação musical

MATERIAL	QUANTIDADE	OBSERVAÇÕES
Flauta de bisel	3	Danificadas
Xilofone baixo	1	Danificado
Timbales	5	1 Inutilizado
Órgão Cásio Ctk 750	1	Inutilizado
Órgão Yamaha	1	Avariado
Órgão Tornado IV	1	Inutilizado
Suporte de órgão em madeira	1	
Banco de piano	1	
Guitarra clássica Alhambra	1	
Estojo de guitarra	1	
Traste para guitarra	1	
Cordas para guitarra	1	
Cordas para cavaquinho	1	
Cordas para bandolim	1	
Cavaquinho com respectivo estojo	3	
Bandolim com respectivo estojo	1	
Palhetas	3	
Método para bandolim	1	
Método para cavaquinho	1	
Melódica alto Hohner	1	
Transformador Hama com adaptadores	1	
Diapasão em suporte de madeira	4	
Castanholas	1	Danificadas
Maracas	1	Sem par
Triângulo	4	Inutilizado
Pratos	5	Danificado
Tamborim	2	Inutilizados